Adail Sobral
Hilário Bohn
Organizadores

DIALOGISMO: BORDAS, FRONTEIRAS, IMPRECISÕES, SENTIDOS

EDUCAT

DIALOGISMO:

BORDAS, FRONTEIRAS,

IMPRECISÕES, SENTIDOS

Textos do

II DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

Chanceler
D. Jacinto Bergmann

Reitor
José Carlos Bachettini Júnior

Pró-Reitora Acadêmica
Patricia Haertel Giusti

Pró-Reitor Administrativo
Eduardo Luis Insaurriaga dos Santos

EDUCAT - EDITORA DA UCPel

Editora Executiva
Ana Gertrudes Gonçalves Cardoso

CONSELHO EDITORIAL
Osmar Miguel Schaefer – Presidente
Antonio Reges Brasil – UCPel
Cezar Augusto Burket Bastos – FURG
Christiane Saraiva Ogrodowski – FURG
Eduardo Antonio Cesar da Costa – UCPel
Erico João Hammes – PUC/RS
Fábio Souza da Cruz – UFPel
Hiram Larangeira de Almeida Júnior – UCPel
Luiz Antônio Bogo Chies – UCPel
Manoel Luis Cardoso Vasconcellos – UFPel
Vilson José Leffa – UCPel

EDUCAT
Editora da Universidade Católica de Pelotas
Rua Félix da Cunha, 412
Fone (53)2128.8297 – FAX (53)2128.8229 - Pelotas - RS - Brasil

Adail Sobral
Hilário Bohn
Organizadores

DIALOGISMO:

BORDAS, FRONTEIRAS,

IMPRECISÕES, SENTIDOS

Textos do

II DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES

Editora da Universidade Católica de Pelotas
2016

© 2016 Adail Sobral
Hilário Bohn
Direitos desta edição reservados à
Editora da Universidade Católica de Pelotas
Rua Félix da Cunha, 412
Fone (53)2128.8297 - Fax (53)2128.8229
Pelotas - RS - Brasil

Editora filiada

A revisão textual e de conteúdo é de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e do(s) organizador(es).

PROJETO EDITORIAL
EDUCAT

Editoração eletrônica e capa
Ana Gertrudes G. Cardoso

D536 Dialogismo: bordas, fronteiras, imprecisões, sentidos. Textos do II Diálogos Transdisciplinares / organizadores Adail Sobral, Hilário Bohn - Pelotas: EDUCAT, 2016.

144p.

ISBN 978-85-7590-184-7

1. linguagem. 2. dialogismo. 3. linguística aplicada.
I. Sobral, Adail. II. Bohn, Hilário.

CDD 410

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Cristiane de Freitas Chim
CRB 10/1233

APRESENTAÇÃO

Adail Sobral

Hilário Bohn

Este livro reúne os textos que fundamentaram os diálogos travados entre alunos de pós-graduação em Linguística Aplicada e de graduação em Letras da UCPel, com os professores Hilário Bohn e Adail Sobral e convidados por ocasião dos II DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES. Alguns desses textos foram reformulados depois dos debates a fim de abarcar diferentes contribuições nascidas neles.

O II DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES foi promovido pelo LEAL, coordenado pelo Prof. Dr. Adail Sobral e a Prof. Dr. Liliane Prestes, em associação com o GELFIC, coordenado pelo Prof. Dr. Hilário Bohn e a Profª. Drª. Lúcia V. Grigoletti.

O LEAL - LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS DE LINGUAGENS, do PPGL UCPel, é um grupo de pesquisa registrado no CNPq voltado para formar uma rede interdisciplinar de pesquisadores em estudos de linguagens no Brasil, a fim de promover reflexões e pesquisas sobre questões teóricas e práticas e pesquisas em andamento. O LEAL é composto por várias instituições do Rio Grande do Sul e de vários outros estados, desenvolvendo atividades destinadas a levar à comunidade mais ampla saberes oriundos de pesquisas e experiências de seus membros.

O GELFIC - GRUPO DE ESTUDOS DE LINGUAGENS, FRONTEIRAS, IDENTIDADES, CULTURAS, também do PPGL/UCPel, foi criado para atender aos anseios de um grupo de professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e outras Instituições Universitárias com um interesse em comum: aprofundar os estudos para atender às demandas de uma sociedade pós-moderna em que fronteiras, identidades e culturas estão em constante metamorfose.

A contribuição para a formação de novos pesquisadores, profissionais, lideranças políticas e educacionais a fim de que desenvolvam atividades nos diferentes tipos e significados de fronteiras e identidades, além da adoção de uma postura proativa exigindo, das instituições e do Estado, ações inclusivas de conforto humano, diminuindo assim os sofrimentos e os conflitos constitutivos de quem vive na fronteira – seja ela identitária, linguística, étnica, racial, sexual ou profissional, são objetivos do GELFIC.

O II DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES foi dividido em mesas redondas com até 3 membros, tendo concedido 10 minutos para apresentação de cada proposta e 20 minutos para discussão, inicialmente a partir de questionamentos de outros membros da mesa e, em seguida, do plenário.

Os autores abordam vários objetos a partir da teoria dialógica, ou tratam de diferentes tópicos, partindo de diferentes teorias, em termos de um diálogo com a concepção dialógica de linguagem. O evento foi um

verdadeiro simpósio, uma vez que privilegiou o intercâmbio de ideias em vez da apresentação *per se* de propostas.

O livro traz ainda os textos da reflexão de abertura feita pela Prof. Dr. Olga Pereira (egressa da UCPel) e o texto de um terapeuta, Rael Alves Lopes, convidado para discorrer sobre as diferenças entre as concepções oriental e ocidental de corpo no âmbito da acupuntura.

Este volume abriga ainda textos de alunos que não puderam participar do II DIÁLOGOS, mas elaboraram suas contribuições no âmbito da disciplina da qual ele adveio.

Os vários textos aqui apresentados mostram pesquisadores em formação engajados em pensar o mundo comprometidamente, viver em fidelidade à arte e á vida. Propomos aqui, mediante este volume, uma rede dialogal fundada em algumas propostas, advindas de vários pontos de vista. Esperamos que o leitor se engaje de maneira ativa e participativa nesse simpósio, que busca recuperar o sentido etimológico da palavra.

Nosso agradecimento especial a Ana Cardoso, da Educat, pela dedicação a mais um trabalho.

Pelotas, 07 de outubro de 2016

Adail Sobral

Hilário Bohn

SUMÁRIO

ABERTURA - DIALOGISMO: BORDAS, FRONTEIRAS, IMPRECISÕES, SENTIDO 11
Adail Sobral

REFLEXÃO DE ABERTURA - O DIALOGISMO E AS CICATRIZES DA ESCRAVIDÃO: UMA REFLEXÃO METODOLÓGICA 16
Olga Pereira

PENSANDO A CULTURA POPULAR COM BASE EM BAKHTIN..... 28
Ângela Mara Bento Ribeiro

SOBRE O AMOR ROMÂNTICO, O CAPITALISMO E A IDENTIDADE 34
Cássia Rodrigues Gonçalves

ENQUANTO ESCREVO... VIVÊNCIAS NO FANDOM HARRY POTTER SNAPECÊNTRICO BRASILEIRO: CONSTRUINDO UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL À LUZ DO PENSAMENTO BAKHTINIANO 42
Catarina Barbosa

UMA PROPOSTA DE ANÁLISE ARGUMENTATIVA E DIALÓGICA: OLAVO DE CARVALHO QUER MATAR O PAPA 51
Felipe Bonow Soares

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA “ARQUITETÔNICA AUTORAL” DO GÊNERO ACADÊMICO DISSERTAÇÃO 60
Fernanda Taís Brignol Guimarães

UMA REFLEXÃO SOBRE BAKHTIN NA SALA DE AULA 67
Jorge André Nogueira Alves

SOBRE O COMENTAR NA WEB: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 73
Márcia Froehlich

A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA NO ENTREMEIO IDENTITÁRIO FRONTEIRIÇO 84
Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques

DANÇA E PERSPECTIVA BAKHTINIANA: UMA ARQUITETÔNICA VISUAL EM EXERCÍCIO..... 105
Marice Fiuza Geletkanicz

AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO HUMANO NO MUNDO OCIDENTAL: A IMPOSIÇÃO DA ORDEM (GEOMETRIA) CARTESIANA NA CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE ACUPUNTURA 113
Rael Lopes Alves

BAKHTIN E A ECOLOGIA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA..... 125
Stefanie Tunes

BREVE SÍNTESE-OPINIÃO SOBRE O SIMPÓSIO DIALOGISMO: BORDAS, FRONTEIRAS, IMPRECISÕES, SENTIDOS 130
Hilário I. Bohn

SOBRE OS AUTORES 138

SOBRE OS ORGANIZADORES 143

ABERTURA

DIALOGISMO: BORDAS, FRONTEIRAS, IMPRECISÕES, SENTIDO

Adail Sobral

Ao fazer a abertura deste II diálogo do LEAL, em associação com o GELFIC, gostaria de discorrer brevemente sobre o tema do II DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES, *Dialogismo: bordas, fronteiras, imprecisões, sentido*. Antes de tudo, cabe dizer que a participação no evento envolveu a leitura prévia, pelos participantes, dos vários textos apresentados para discussão.

A ideia de concluir uma disciplina regular de Pós-Graduação com um simpósio que promove o diálogo, mais do que a apresentação de comunicações, nasceu já há algum tempo, mas só agora foi viabilizada. É grande a nossa satisfação, e alimentamos a esperança de dar continuidade.

O tema aparentemente tão vago desse II DIÁLOGO foi escolhido para assinalar que os estudos dialógicos trabalham com os processos de instauração de sentidos advindos da mobilização de diferentes componentes das linguagens erbais, e de diferentes linguagens.

Os processos de instauração de sentidos operam mediante procedimentos enunciativos marcados por bordas e fronteiras entre os vários aspectos de cada

linguagem envolvida, e de linguagens entre si, terreno fértil para imprecisões de variada natureza que constituem a vida da linguagem, para além das forças centrípetas monologizantes e das gramáticas normativas, em sua inútil tentativa de frear o ímpeto de significar dos seres humanos.

O tema escolhido pretende sugerir precisamente que o sentido nasce do "não sentido", isto é, das relações entre as bordas, as fronteiras e as imprecisões: bordas que se tocam, e afastam; fronteiras que distinguem também, mas (se) confundem; imprecisões que revelam a posição enunciativa e o contexto dos enunciados, e que requerem para isso conviver com a tensão entre possibilidades de sentido.

Cabe destacar que sustentar o aparente caráter vago dessas formulações não perde de vista a realidade das linguagens, sua materialidade. Nesse sentido, trabalha-se com a enunciação/enunciado e o discurso sem descartar os mecanismos formais de constituição de frases e textos. Mas a unidade é o enunciado/enunciação, o discurso, não a frase ou o texto por si sós.

Portanto, a ênfase está nas *marcas enunciativas*, marcas que a enunciação deixa no enunciado, ou seja, vestígios (explícitos ou implícitos) do processo de instauração de sentidos. Este envolve a situação de enunciação, que podemos identificar no enunciado (produto desse processo) por meio de *marcas linguísticas*.

Analisar de que modos se constituem os sentidos, em meio a esses tantos meandros de seu vir a ser, constitui a tarefa gratificante de todos os que se dedicam ao estudo de diferentes objetos do ponto de vista da Teoria e Análise Dialógica, com e sem interfaces e exteriores teóricos.

A questão da imprecisão como condição do sentido lembra, naturalmente, Lacan, que mostra como desejos podem realizar-se, mas não *o* desejo. Bakhtin, a meu ver, sugere que podemos realizar sentidos, mas não *o* sentido. Talvez resida aí a fonte de algumas angústias humanas.

Isso me recorda uma crítica de Bakhtin a quem "escolhe" uma vida rotineira que recusa a arte e a quem pratica uma arte distante que recusa a vida. Dizia ele que a responsabilidade por essa vida sem arte e essa arte sem vida é de todos nós. Porque "escolhemos" a arte distante e ou a vida vazia, em vez de enfrentar as imprecisões das duas a fim de escapar a esse binarismo fatalista.

Em sua proposta ética, ele sugere que vida e arte devem se integrar na vida de cada pessoa, criar em cada um uma unidade singular em que se responde com a vida pelo que se aprende com a arte e se responde a necessidades da vida na arte.

Ele disse ainda que parece mais fácil viver sem a inquietação que a arte traz e o incômodo que é criar arte sem responder pela vida. É mais fácil viver assim, só que é mais estéril. Uma vida estéril é como uma vida não examinada (Sócrates): não vale a pena ser vivida.

Gostaria de encerrar com o trecho de um poema de T. S. Elliot (em tradução minha), que a meu ver descreve a atividade de pesquisa, notadamente em termos dialógicos:

> Não cessemos de explorar.
>
> E o final de toda a nossa exploração
>
> Será voltar ao mesmo lugar
>
> E conhecê-lo pela primeira vez.
>
> (T. S. Elliot. *O Rei de Espadas*. In: *Quatro Quartetos*)

[We shall not cease from exploration/And the end of all our exploring /Will be to arrive where we started/And know the place for the first time.]

[T. S. Elliot – *Four Quartets – Section V*

Defendo que não há como considerar o adquirido na pesquisa como dado de uma vez por todas, mas sempre em construção. Nessa busca/exploração, o que marca o valor da pesquisa é a possibilidade e disposição de ver como se fosse a primeira vez aquilo de que partimos.

Impor ao objeto o ponto de vista estrito é ser infiel ao fenômeno e ao saber científico, cuja validade, notadamente em ciências das linguagens, reside em considerar como sempre provisórias e restritas as conclusões a que se chega.

Se os fenômenos são marcados por imprecisões, bordas, fronteiras, interstícios etc., a ciência que os constitui em objetos tem a responsabilidade ética de duvidar das generalizações que apagam o singular e do foco em singularidades que apague a generalidade.

Pelotas, 07 de outubro de 2016

REFLEXÃO DE ABERTURA

O DIALOGISMO E AS CICATRIZES DA ESCRAVIDÃO: UMA REFLEXÃO METODOLÓGICA

Olga Pereira

Não devemos pensar numa tese como um fardo, tampouco como um tipo de protocolo que, contrariados, precisamos cumprir. A pesquisa precisa nos tocar, seja pelo encantamento ou até mesmo, pela indignação. Nosso objeto de pesquisa, nossos sujeitos e referenciais, precisam dialogar em busca da construção de algo que nos satisfaça como pessoa. É essencial que tenhamos esse olhar de aproximação e de cumplicidade diante de uma pesquisa que deixará para sempre nossas digitais. Busque conhecer seus sujeitos de pesquisa, além da condição de meros objetos de estudo. Procure se familiarizar com seus referenciais até chegar o dia em que você poderá dizer: "esse cara, com seu modo tão particular de expor suas ideias e ideais, me tocou de verdade... Esse cara vai perambular por todos os capítulos.... esse cara vai proporcionar um entendimento mais preciso das vozes e das narrativas dos meus sujeitos. Digo isso, porque se tivesse olhado somente para a história do negro no Brasil, suas lutas, enfrentamentos diários e históricos, de longe poderia imaginar que BAKHTIN, um filósofo e pensador russo, pudesse sustentar o meu dito diante de uma realidade brasileira que tanto nos envergonha ...que foi a escravidão do homem, proporcionada por outros homens. Da mesma

forma, acredito que jamais poderemos contextualizar sobre o objeto de nossa pesquisa sem que o mesmo não provoque em nós uma mudança comportamental. Um modo de ver a realidade do outro além de simples e empobrecidos referenciais que se negaram a registrar a história narrada em primeira pessoa. É compreender que, diante da palavra e da história do outro, não podemos permanecer como mero expectadores ou pesquisadores ávidos por diplomas e títulos. Portanto, um conselho, não pense no objeto ou nos sujeitos de suas pesquisas como trampolins capazes de realizá-los apenas profissionalmente, alimentando seus egos. Uma pesquisa precisa deixar as digitais do pesquisador e esse é um todo composto por emoções, indignações e responsabilidades. Não podemos fazer dos objetos de nossas pesquisas, apenas objetos, pois essa não é a representação almejada por esses sujeitos. Tem que ser algo que você acredite piamente, algo que você possa dizer: a academia vai realmente possibilitar que faça uso da educação e de seus espaços, como algo significativo que, mesmo de forma tímida, possa contribuir para uma reflexão mais aprofundada do homem, da sociedade e das relações sociais que englobam esse estar no mundo. Sua pesquisa não pode ficar arquivada e mofando após o término do mestrado ou doutorado. Ela precisa compreender a importância da circularidade e, somente o pesquisador, terá a responsabilidade e dever de fazê-la cumprir o seu papel diante da sociedade em que serve. NÃO poupe, nem tampouco, seja conciso demais diante da palavra e da história de vida de seus sujeitos, pois somente eles, com suas narrativas e, também silêncio, serão capazes de dar à pesquisa aquilo que chamo de “livro que fala, que

dialoga permanentemente com o leitor”. Diante dessas apropriações e, disponível para o acolhimento desse outro, aí então, poderemos autenticar os referenciais teóricos que irão sustentar nossos estudos. É BOM lembrar que a nossa pesquisa nunca será inédita, pois tal palavra, não elimina a possibilidade de outros e inquietantes olhares sobre o tema. Tal percepção nos conduz a humildade enquanto pessoa e pesquisador diante da palavra do outro. É o olhar responsivo de Bakhtin que nos leva a compreensão que, mesmo diante dessa percepção plural, apenas nossa contribuição será singular, irrepetível! Porque nada do que pesquisamos já não foi dito ou refletido por outros. O diferencial encontra-se apenas na nossa forma particular de dizer. Não existe o dono da tese, apenas alguém que se arriscou a falar a mesma coisa com outros posicionamentos, outros olhares e ligações antes não pensadas... tais como você pensou. Portanto, quando me dispus a complementar meus estudos sobre a docência negra em Pelotas e suas cicatrizes ainda sangrando em nossa sociedade, o fiz porque tinha consciência de que o resultado, assim como toda a história do negro no Brasil e no mundo, carece de tomadas de posições cada vez mais emergentes.

Pesquisar no campo das Ciências Humanas requer um cuidado especial em relação aos autores utilizados como base teórica. Temos de possuir o discernimento para contrabalançar a aproximação e o distanciamento desses sujeitos para que os resultados não sejam mascarados pelo nosso olhar que, imbuído pelo amor ao tema escolhido, possa desencadear desabafos e

indignações pessoais que não condizem com a ética profissional de um trabalho científico. Por isso, como princípios teóricos para sustentação da pesquisa, selecionei as reflexões sobre exotopia, polifonia, alteridade e sujeito responsivo, diretrizes bakhtinianas.

Em relação à polifonia, que me fez perceber que nenhum enunciado deva ser visto como solitário e independente, uma vez que carrega consigo um universo de vozes que ora reverberam, ora silenciam. Alteridade, que nos conduz a nos colocarmos no lugar do outro tendo a certeza de que a imagem do que somos somente poderá ser completada através do olhar desse outro. A subjetividade responsiva reflete a singularidade de nossa existência, reforçando a responsabilidade de nossos atos, pois, para Bakhtin, independentemente da situação que se apresenta, o não agir jamais pode ser considerado e aceito como "não posicionamento". Dessa forma, entendemos que aproximar-se e distanciar-se dos atores da pesquisa é, acima de tudo, encontrar o conflito tão necessário para desenvolvê-la.

Segundo Amorim (2001, p.191), "Quando estranhamos e questionamos o sujeito/pesquisado o fazemos a partir de nossa visão e somente assim novos sentidos podem ser produzidos." São justamente esses novos sentidos que enriquecem a pesquisa e lhe conferem o dinamismo tão enfatizado por Bakhtin, para quem, não existe um objeto pronto a ser analisado, porque durante a pesquisa esse objeto também se transforma em outros textos. Nessa visão bakhthiana, o corpus é uma construção, fruto da interação constante entre o próprio objeto de pesquisa e o seu pesquisador.

Uma espécie de caminhada, que não se basta nem tampouco se cansa de revisitar o passado percebendo-o como eixo que dialoga diariamente com o presente e o futuro.

A complexidade desse ir e vir na história nos fará perceber que durante a pesquisa, em alguns momentos, será crucial não só o distanciamento do objeto, mas o desvio, capaz de nos fazer enxergar tudo aquilo que pela proximidade muitas vezes nos cega.

Entendemos também que desestabilizar discursos cristalizados exige mais que um emaranhado de bibliografias organizadas em capítulos diversos, exige uma responsabilidade do pesquisador como sujeito que, durante a pesquisa, também se transforma em objeto interrogado. E é sobre isso que Bakhtin nos faz refletir a todo instante.

Esse fundir-se em um todo único, segundo Bakhtin, é compreender que, antes de julgar o outro, devemos refletir sobre o contexto histórico, social, político e econômico no qual ele se encontra. Para o autor, conhecer o outro é apreendê-lo e com ele estreitar vínculos. Acima de tudo, trata-se de um exercício constante de reciprocidades, em que não apenas a minha voz é compreendida, mas também a do outro. Para Bakhtin, nada é estático, pois tudo significa e exige um permanente adentrar em discursos sedimentados que clamam ser ressignificados, libertando-se das múltiplas vozes que o tempo e as ideologias tentaram resguardar sufocando seus valores. Esse fundir-se é compreender que se preciso do outro para me constituir como pessoa,

ele, por sua vez, também necessita do meu olhar para saber quem de fato é. Em meio a essa interação, tanto eu como o outro nos tornamos responsáveis por aquilo que defendemos.

Este ato responsivo é pertinente durante o desenvolvimento de cada capítulo, porque tanto o objeto pesquisado como a pesquisadora são pessoas e atores de uma mesma história com enredos diferenciados. Para Bakhtin "A palavra, portanto, transita do locutor ao outro, que, por sua vez, produz sempre uma resposta: o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva do outro".

Somos conscientes da responsabilidade que assumimos ao refletir sobre as falas e o silêncio do outro. Sabemos, particularmente, que o cuidado faz parte desse diálogo que, em muitos momentos, refletirão também a nossa voz. Portanto, devemos ficar atentos às estruturas sociais, educacionais e a própria linguagem que, na contramão de seus objetivos transformadores, acabam muitas vezes servindo como mecanismos de perpetuação de sentimentos inconfessos do outro e sobre o outro. Percebemos, então, que apropriar-se de um idioma transcende a apropriação da língua ou a imersão ingênua na cultura que o identifica; requer um doar-se constante para que se compreenda a complexidade de um silêncio que se verbaliza toda vez que é interrogado.

A responsabilidade que nos move é justamente aquela que, nos inquietando, nos faz perceber e desejar ouvir as múltiplas vozes silenciadas e emparedadas num universo onde a palavra, sufocada pelo medo, reverbera

outros discursos complexos. Como sinalizado por Bakhtin, (2009, p.24) “Ouvir e falar são movimentos de uma mesma atividade. Desta forma nossas respostas são formuladas a partir da nossa relação com a alteridade, ou seja, são contrapalavras às palavras do outro”.

O que devemos ter em mente, portanto, é que o universo pesquisado nunca deixará de ser uma interpretação desencadeada por outras tantas palavras alheias, cabendo ao pesquisador respeitar seu contexto social, bem como, o tempo histórico que o definiu. Assumir essa posição de sujeito responsivo é também perceber que nossa contribuição pode sinalizar e instigar novas reflexões sobre questões sedimentadas, mas, de forma inversa, pode condená-las a outros séculos de silenciamento, medo e conformismo. Assim, são frágeis as trajetórias culturais que determinam os saberes da humanidade e mais tênue se torna o apropriar-se desses “não ditos” que, de tão sufocados, refletem outros “ditos com jeito” e trejeitos inconclusivos.

Somos sujeitos de infinitas histórias que se recriam toda vez que interagimos com os outros. É preciso saber que nossa visão é estreita e carente do olhar do outro, que somos todos atores coadjuvantes marcando sua história através da representação, do descontentamento ou do aplauso do outro. Sem esse outro que nos vê somos fadados ao esquecimento social e, o ser humano, assim como os outros animais, não nasceu para viver isolado. Precisamos do outro e de um viver coletivo que nos faça perceber que de algum modo somos importantes, singulares.

Portanto, somos um corpo que carrega consigo outras manifestações que, no imaginário, tendem a se reproduzir. Não podemos afirmar, por exemplo, que a nossa opinião é o demonstrativo exato do objeto da pesquisa, porque os dados, mesmo analisados e revisitados, continuarão sendo apenas a ponta de um iceberg que, em sua magnitude, irá manter submersa a base invisível que o constitui. Logo, da grandeza desse iceberg, apenas conheceremos uma pequena parcela.

Da mesma forma, pesquisar o outro é ter a certeza de que estamos constantemente diante de um "nós", é, enfatizarmos, é reconhecer que somos atores de uma mesma história que precisa ser compreendida através de um olhar coletivo.

Se a alguns coube protagonizar a história, é preciso investigar as razões pelas quais a visibilidade teve de se sustentar através do apagamento de outras memórias.

Talvez seja essa a função que abraça o escritor pesquisador: a certeza de que, mesmo tendo de mergulhar em águas barrentas, lamaçais diversos e em densas florestas, o que irá dar sentido a sua trajetória de busca resume-se no momento mágico do abraço do outro, momento único onde nos sentimos também abraçados. Para BAKHTIN, "ser possuído pelo outro". Entendamos, entretanto, que esse "possuído pelo outro" não pressupõe ato alienado ou submisso ao outro, mas a convicção de que a interação e a preocupação pela dor do outro também podem determinar nossa condição humana.

Dar voz ao que ficou disperso requer uma dose de paciência, persistência e alteridade; requer reconhecer que nenhuma história sobre o outro pode ser conceituada e distorcida ideologicamente falando; requer, por isso, respeitar a voz e a história do outro e perceber que o distanciamento provocado não pode e não deve jamais ser encarado como a história do outro, daquele ou daqueles cujos rótulos foram esquecidos. Desse modo, pesquisar é possuir uma razão revestida de sensibilidade e, através dessa dualidade, perceber que nem toda história é exata e nem toda soma é matematicamente ou humanamente correta.

Sabemos que nem sempre a boa pesquisa é aquela que nos fornece estatísticas precisas, mas aquelas que, independente do resultado esperado, nos provoca e nos instiga a um querer ávido e incontrolável em relação a tudo aquilo que não pôde ser quantificado. Essa sensação de incerteza nos transporta e nos faz perceber que entre a pesquisa e o pesquisador renasce um todo até então não visto, produzindo interrogações que, tal como a arquitetônica defendida por Bakhtin, segue seu percurso através de uma compreensão somente realizada através da teia dialogicamente concebida.

O objeto de nosso trabalho representa o nosso papel também de objeto. Somos interrogados pelo objeto que escolhemos para pesquisar e, nessa fusão necessária, temos a sensação de que o jogo de palavras, misturado a um complexo ideológico, segue seu percurso em busca de outras vozes, de outros diálogos. A palavra do outro, portanto, é parte imprescindível do nosso discurso e vice-versa, pois, conforme Bakhtin (2009, p.33): “Todo

discurso concreto presente nas diferentes esferas humanas nunca é totalmente inédito, pois traz ecos de outros discursos".

Perceber os ecos de outros discursos significa muito mais do que análises soltas dispersas em subjetividades, abstrações. Compreender implica a própria valorização desses ecos que, relegados ao silêncio de suas memórias, urgem ser concebidos através de um novo e relevante renascimento. Não se trata do renascimento biológico, como alertado por Bakhtin, mas de um renascer carregado de outros discursos que tende a descortinar o que então havia ficado em zonas de puro silenciamento

Portanto, quando dialoguei com Bakhtin para fortalecer as análises sobre o silenciamento da docência negra, o fiz por compreender que, para o filósofo, todo enunciado é permeado por múltiplas vozes e todas as relações estão em constante diálogo. Não existe o estranho ou alheio que não se identifique entre as infindáveis trocas dialógicas, pois até mesmo o próprio silenciar é carregado de palavras que não tiveram a chance de se desvelar através da linguagem, mas continuam prontas para romper seus casulos. O romper desses casulos nos faz compreender aquilo que Bakhtin chama de "um grande tempo', no qual o essencial dos enunciados sobrevive e, em geral, não há nada absolutamente morto, porque 'cada sentido terá sua festa de renascimento".

Na visão bakhthiana, o corpus é uma construção, fruto da interação constante entre o próprio objeto de pesquisa e seu pesquisador. Uma espécie de caminhada, que não se basta nem tampouco se cansa de revisitar o passado percebendo-o como eixo que dialoga diariamente com o presente e o futuro.

Em meio a essa interação, tanto eu como o outro nos tornamos responsáveis por aquilo que defendemos. Somos seres de uma mesma história que transita em meio a enredos diferenciados. Invadir e decifrar silêncios sobre a docência negra em Pelotas, objetivos de minha pesquisa de doutorado, significou driblar as palavras e perceber que onde o ponto encerrou a frase foi justamente o momento em que o discurso mais se deixou revelar. Quando um docente, ao ser questionado se já havia sofrido algum tipo de preconceito motivado pela cor, apenas nos responde "não" muitas análises se tornam inquietantes: um "não" que nega, confirma, afasta, enfim, um "não" que pode adquirir vários sentidos ou quem sabe? Um não, puro e autêntico. Talvez uma das mais encantadoras possibilidades proporcionadas pela linguagem seja justamente esse desvelar de mistérios que perambulam em torno de "palavras solitárias" carregadas de encantos e ousadias. Portanto, nossas pesquisas continuarão sendo apenas a ponta de um iceberg que, em sua magnitude, irá manter submersa a base invisível que o constitui, ou seja, diante de toda sua grandeza, apenas conheceremos uma pequena parcela. E é justamente diante dessa pequena parcela que podemos enfim perceber que a nossa trajetória acadêmica e pessoal, de forma singular, contribuiu para uma visão

mais humanizada do homem, da sociedade e das relações sociais. Portanto, diante da singularidade do meu existir, nunca deixo de dizer que, de mestre e de doutor, todos nós temos um pouco; no entanto, a única forma de compreender tais diferenças acontece justamente no momento em que, saindo da academia, precisamos enfrentar o mundo!

PENSANDO A CULTURA POPULAR COM BASE EM BAKHTIN

Ângela Mara Bento Ribeiro

Descrevemos aqui os parâmetros de um estudo embasado no conceito de cultura de Mikhail Bakhtin, amplamente desenvolvido na obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais* (2013), e, assim, buscamos compreender o discurso do Bloco Burlesco Bafo da Onça, da cidade de Pelotas, no período da Ditadura Militar. Analisaremos o carnaval e a cultura pelo viés bakhtiniano.

Na Década de 1970, é criado em Pelotas o bloco Burlesco Bafo da Onça, no período da ditadura militar. O bloco era composto por moradores do bairro Simões Lopes. Os fundadores eram filhos de ferroviários que estudavam na ETFPEL e participavam ativamente da Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida, localizada no mesmo bairro. A projeção do bloco começa com a participação da Banda da ETFPEL.

Pensar que o conceito bakhtiniano é relevante no âmbito dessa pesquisa é supor que a noção de circularidade da cultura de Bakhtin (no sentido de ação entre forças centrífugas e centrípetas, não de fechamento) não significa postular a ausência de conflitos, mas defender a compreensão das apropriações e experiências de diferentes sujeitos expressas nas manifestações populares.

Mikhail Bakhtin (2013), ao definir cultura, analisa também a noção de “popular” e o modo como ela ganha destaque nos festejos públicos por ocasião do Carnaval, período que antecede a Quaresma. Observando as características desse período, vemos que o autor embasa as suas observações nos contrastes de pares dicotômicos como o alto e o baixo, o sublime e o grotesco, o sério e o risível, o sagrado e o profano e evidencia, a partir de tais pares, a coexistência de culturas.

A partir de tais dicotomias, Bakhtin põe em evidência a perspectiva de que a cultura popular é aceita como hegemônica especificamente no período do Carnaval, quando as inversões da ordem, dos costumes são aceitos entre as classes sociais, o que não ocorre em períodos “normais”. Isso revela que a hegemonia dessa cultura se limita a um dado período, mesmo que deixe, como pretendemos mostrar, marcas capazes de afetar ao menos alguns aspectos da cultura dominante.

Para o autor, na Idade Média, os homens compartilhavam duas vidas em uma só, a oficial e a carnavalesca, relativas a um mundo sério e outro cômico respectivamente, de acordo com manuscritos dos séculos XIII e XVI. Esses dois aspectos coexistiam na consciência dos homens medievais, e nas lendas que narram a vida dos santos, nas quais se apresentam essas considerações através de ilustrações, desenhos no século XIII e XIV. Bakhtin menciona a obra *Documento anônimo da arte do livro. Tentativa de restauração de um livro de lendas francesas do século XIII* (cf. BAKHTIN, 2013, p. 84).

Bakhtin considera que o riso, no Renascimento, tem um valor profundo de concepção do mundo, uma maneira de exprimir a história do homem. Já no século XVII o riso toma outra forma, caracterizando certos fenômenos sociais, em partes, como descreve Bakhtin: "Fenômenos parciais e parcialmente típicos da vida social, o domínio do cômico é restrito". Dessa forma, a cultura popular na Idade Média estava essencialmente ligada a festas e recreações e, em paralelo, existia o mundo *oficial* (grifo do autor).

Dialogando com o pensamento de Bakhtin, Sobral buscou os estudos do autor russo, em observação sobre a ADD – Teoria e Análise Dialógica, da perspectiva bakhtiniana. Sobral afirma que se trata de "uma proposta de estudo do agir humano no mundo concreto, mundo social e histórico (SOBRAL, 2009, p.24)", agir de sujeitos participantes das interações sociais. É nos termos dessa concepção que a pesquisa se desenvolve e, concomitantemente, propõe um diálogo com outros pensadores que também discutem o referido conceito de cultura e o atualizam.

É imprescindível nessa pesquisa o conceito de dialogismo de Bakhtin e seu Círculo, que servirá de ponto de partida para a compreensão e a análise do objeto, cujo propósito consiste em debater as tradições carnavalescas seguindo as orientações de Bakhtin acerca da carnavalização. O procedimento será o de observar os embates e/ou conflitos presentes nas marcas de relações dialógicas peculiares do bloco estudado no universo de Pelotas, a fim de identificar as formas de presença da cultura popular num período conturbado do Brasil.

Concomitantemente, pela leitura que fazemos baseados nos postulados bakhtinianos, o estudo do carnaval, mais do que a análise do humor, permite-nos considerar ainda as condições sociais e históricas vivenciadas nesse contexto.

Como sugere Barros a respeito do texto como objeto de significação:

O estudo se propõe também a fazer uma análise de caráter semiótico, que se deterá na interpretação de documentos visuais relacionados ao carnaval pelotense, datados da época da ditadura militar. Nesse sentido, a dimensão da apresentação escolhida é a semiótica greimasiana[1], a partir da qual procuramos descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz* (BARROS, 2011, p.7). Partimos, portanto, dessa perspectiva para organização e entendimento do sentido e de significados atribuídos aos documentos pictóricos da pesquisa, de modo a explorá-los como objeto de significação e de comunicação.

> o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido (BARROS, 2011, p. 7).

---

[1] Teoria Semiótica desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmio-linguísticas da Escola de Altos estudos em Ciências Sociais (p.5). Teoria Semiótica do texto. BARROS, Diana Luz Pessoa de.-5 ed.-São Paulo: Ática, 2011.

Com relação ao que diz Barros, na citação acima, entendemos ser possível aliar ao conceito de dialogismo de Bakhtin, que nasce no contexto de enunciação e considera os sentidos determinados pelo mesmo. Vale então ressaltar que estas reflexões são importantes para compreensão deste estudo e que todas as teorias apresentadas dialogam com Bakhtin sobre as manifestações populares.

Barros destaca que o texto só existe quando concebido na dualidade que o define – objeto de significação e objeto de comunicação – e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação de sentido. (BARROS, 2011.p.7-8)

A partir do exposto, o estudo proposto vai lidar com sentidos e sentimentos sobre acontecimentos, particularidades e comportamentos e busca-se o entendimento das singularidades referentes ao Bloco e sua interação com a sociedade da época.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:* o contexto de François Rabelais. 8ª ed., tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC: 2013.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do texto. 5ª ed., São Paulo: Ática, 2011. 96p. (Fundamentos).

SOBRAL, Adail. Ético estético. Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave.* 5ª Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero:* as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. Série Ideias sobre Linguagem.

SOBRE O AMOR ROMÂNTICO, O CAPITALISMO E A IDENTIDADE

Cássia Rodrigues Gonçalves

A pós-modernidade é a passagem quase permanente de desejos, prazeres e realizações a serem perseguidos/as continuamente. Nas sociedades líquidas – como a nossa –, há uma desregulamentação das ocupações antes normatizadas pelo Estado em prol do bem comum, ao contrario: há uma "individualização" continua e cada vez mais latente, no qual os/as sujeitos/as devem tatear suas "liberdades" e traçar os seus caminhos solitariamente (BAUMAN, 2001).

O desapego, a descontinuidade e o esquecimento parecem ser as características mais marcantes da atualidade. Em se tratando de identidade, nestes tempos pós-modernos, esta se tornou um tanto complexa de ser discorrida. Nosso estado "liquidez" compromete a durabilidade dos produtos que consumimos, das decisões políticas e as relações sociais e íntimas inevitavelmente se alteram.

Toda esta complexidade se amplia quando olhamos o mundo globalizado, o qual traz uma série de modificações para a vida cotidiana social. Fabrício (2006) aponta, dentre outras práticas: i) a mercadologização da vida; ii) a onipresença midiática; iii) a compressão do espaço-tempo; iv) a difusão entre o público e o privado; v) as práticas de imediaticidade, pelo consumo, para

satisfação de prazeres em declínio do imperativo social e moral; vi) o culto à aparência, à imagem.

Na concepção bakhtiniana, como sabemos, o/a sujeito/a "assina" os seus atos através de atitudes responsivas, isto é, medeia seus papéis/atitudes sociais éticos por meio de sua responsabilidade/responsividade de sujeito/a único/a (BAKHTIN, 2010). Na perspectiva dialógica, o sentido do mundo – dos enunciados e discursos – é resultante de um processo de interação no qual o elemento central é o/a sujeito/a que utiliza a linguagem refletindo e refratando a si mesmo/a.

Será por meio da palavra que fomos/somos/seremos em relação ao mundo e aos/às outros/as. É pelas palavras que arenas ideológicas se formam, nas quais valores sociais/culturais/identitários se colidem, embaralham, modificam e transformam entre si (BAKHTIN, 2010). Assim, este/a é um/a sujeito/a que ativamente utiliza a linguagem e que, pela vivência/experiência tem a possibilidade de transformar sua identidade e sua realidade.

No entanto, na obra *Amor líquido* – sobre a fragilidade dos laços humanos (2004), Zygmunt Bauman parafraseando e atualizando Karl Marx afirmou que, em se pensando em relacionamentos, nada atualmente é feito para durar. Jamais os laços humanos afetivos foram tão frágeis e descartáveis. Significativamente, diferente de outros momentos históricos, o amor romântico tornou-se quantificável e nós, sujeitos/as constituídos/as de alteridades complexas, produtos que consomem e são consumidos por outros/as sujeitos/as complexos.

Nesse sentido, passei a me questionar a respeito do espaço para a constituição da alteridade, no entendimento bakhtiniano (2010), quando os laços afetivos estão comprometidos. Isto é, até que ponto fomos/somos/seremos realmente sujeitos/as ativos se estamos "produtificados"? Como compreenderemos a fundamental importância dos outros em nossas identidades em um espaço individualista?

Paralelamente a todos estes apontamentos das atuais Ciências Sociais e Humanas, uma curiosa – e pertinente – instalação luminosa e artística foi instalada na cidade de Berlim em 2012. Abaixo uma fotografia:

Instalação luminosa do coletivo francês Claire Fontaine na semana de arte contemporânea de Berlim em 2012.

Fonte: https://laforastera.wordpress.com

Para aquele/a que pudesse ler, estava escrito em inglês “capitalism kills love”. O capitalismo mata o amor, em português. Não estive em Berlim naquela ocasião, tampouco estive em Berlim alguma vez em minha vida. No entanto, esta foto circulou o mundo e as redes sociais e se postou em frente à tela de meu computador.

Penso que o amor pode ser perverso, às vezes. Um/a sujeito/a incompleto, e por sentir na pele a sua incompletude, inseguro/a se relaciona com outro. O amor romântico durante certo tempo significou conforto, zelo e segurança. Contudo, convém pensar se na atual conjuntura histórica-social-política-cultural-identitária nos sentimos de fato próximos em nossas relações.

Sigo um Instagram muito interessante que se chama Dilemas Líquidos (@dilemasliquidos). A descrição deste é uma citação de Bauman (2004) que diz o seguinte: “vivemos em tempos líquidos, nada é pra durar, tampouco sólido. Os relacionamentos escorrem das nossas mãos por entre os dedos feito água”. A/s pessoa/s que administra/m este Instagram afirmam que não apenas o amor é líquido, mas os dilemas que estão atrelados a este também o são.

Penso esta página como um grande resumo verbo-visual do momento em que estamos vivendo e das sensações que este nos possibilita carregar sobre o amor romântico e as relações íntimas. Trago aqui alguns

exemplos das imagens que são veiculadas neste Instagram:[2]

[2] Estão nos cartazes os seguintes enunciados “ele terminou com você por mensagem”, “vocês se amam mas nenhum assume”, “você chegou na festa e tinham dois paqueras”, “você conheceu ele no tinder e tá com medo de encontrar ao vivo”, “você gosta dele mas também quer ficar com outros”, “você conheceu seu namorado no tinder e não sabe como contar isso pros seus pais”, “vocês se dão super bem por mensagem, mas ao vivo fica tudo mais complicado” e “ele não conversa, só manda links”.

Observando os cartazes e a instalação luminosa – como uma contrapalavra – noto que não estamos mais dispostos a lidar com as incertezas e instabilidades que só os outros e os sentimentos proporcionam. Como uma estratégia emocional-psicológica nos resumimos e resumimos os demais em bens, imagens e discursos que nos proporcionam seguranças líquidas.

Freud (2010), em *O Mal-Estar na Cultura*, afirmou:

> O sofrimento ameaça de três lados: a partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, também não pode prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo que se pode abater sobre nós com forças superiores [...] e das relações

> com os outros seres humanos. (FREUD, 2010, p. 63-64)

Temos sede de infinito. Ansiamos começar e terminar, para começar a começar novamente. Temos carências e temos consciência destas. Queremos proximidade, almejamos calor humano e necessitamos dizer ao mundo o que sentimos para – quem sabe – despertar em alguém empatia. Mas, há também aquela liberdade que só a solidão proporciona. Esta solidão que, apesar de melancólica, nós gostamos. Há os ex-amores e as paixões mal resolvidas. Há o platonismo e a insistência no desejo narcísico de querer estar com todos/as e ao mesmo tempo com nenhum.

Nunca iremos coincidir com nós mesmos, já dizia Bakhtin (2011). Somos inesgotáveis em sentido e significado, inesgotáveis em desejo – seja ele qual for. Somos livres e por esta razão não apresentamos – nem podemos apresentar – garantias. Mas não ter garantias nos exime dos atos éticos? Ou uma nova ética dos relacionamentos está se estabelecendo e ainda não sabemos ao certo onde é que ela irá nos levar?

A problemática que me parece evidente é que em meio a tantas atualizações e inovações tecnológicas, nossa cultura ainda vive no conceito de amor romântico do século XIX – o seu surgimento. Somos constituídos, desde o nascimento simbólico, em discursos que abarcam nossos medos mais primitivos, colocando o amor romântico como a solução-chave para todos estes.

E assim os/as sujeitos/as, estranhos um ao outro, começam e recomeçam a sua jornada pela estrada do

amor, que nada tem de amável. Se perdem em suas inseguranças, desejos e vontade de liberdade. Plantam novas frustrações e colhem outros objetos de consumo. Disfarçamos mal-estares na cultura (FREUD, 2011) com *selfies* em *smartphones* e amores catalogados.

Se o capitalismo matou o amor? Não posso dizer que sim. Tampouco me sinto à vontade para dizer que não. Sinto como se estivéssemos traçando os caminhos pré-determinados e esperados para os nossos previsíveis papéis no mundo do consumo. Sorrimos, quando necessário, choramos. Cantamos alto a alegria desesperada da vida líquida. Caímos em solidão e esquecemos do que está por vir por consolo e compaixão de nós.

Referências

BAUMAN, S. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem.* Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FREUD, S. *O mal-estar na cultura*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: LPM POCKET, 2010.

ENQUANTO ESCREVO... VIVÊNCIAS NO FANDOM HARRY POTTER SNAPECÊNTRICO BRASILEIRO: CONSTRUINDO UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL À LUZ DO PENSAMENTO BAKHTINIANO

Catarina Barbosa

Há aproximadamente quatro anos, "mergulhei" no universo de *fandoms*[3] *on-line*, para descobrir como funciona o processo de criação/escrita de *fan fictions*[4]. Mais especificamente, minha pesquisa pretende ser uma etnografia, de cunho virtual e imersivo, de um grupo/comunidade de autoras/*ficwriters* (as *Snapetes*), ligadas a um *fandom* e a uma personagem específicos (o *fandom Harry Potter* e o professor Snape, respectivamente), à luz do pensamento bakhtiniano.

Para o desenvolvimento da etnografia virtual, estudei, entre outros autores, os conceitos e procedimentos presentes em Hine (2000). De forma bastante resumida e de acordo com a bibliografia estudada, a abordagem etnográfica consiste em observar, investigar, acompanhar, por um período determinado de tempo, um grupo ou contexto social, a fim de desvendar

---

[3] *Fandom*: etimologicamente, o termo seria a junção das palavras inglesas *fan* e *kingdom* (reino), podendo ser entendida, por isso, como "reino dos fãs", "domínio dos fãs" ou ainda "comunidade" ou "clube de fãs".

[4] *Fanfiction*: literalmente, "ficção de fã"; narrativa ficcional criada por autores amadores, a partir de uma obra original preexistente, da qual são fãs. Também são bastante usuais as formas abreviadas *fanfic* e *fic*.

seus padrões de comportamento (HINE, 2000; FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011; dentre outros). Nesse sentido, após observar de forma anônima a produção da comunidade *on-line* de *ficwriters Snapetes*, solicitei minha inclusão junto ao grupo, com o objetivo não só de acompanhar e investigar seus processos de produção, mas também de vivenciá-los, na condição de membro e, por assim dizer, observar o fenômeno "de dentro para fora". De forma prática, participei de processos de produção de algumas *fan fictions* – *betando*[5] e, por vezes, escrevendo *fanfics* curtas –, acompanhei a construção de séries de *posts* no *blog Caldeirão do Snape*, integrei-me ao *chat on-line* denominado *Janelão das Snapetes* – inicialmente no MSN (até o final de 2012), passando pelo Messenger/Facebook (2013-14) e atualmente no Whatsapp (2014-15). Em 2013, também entrei em contato com outro grupo, *Sevmaníacs*, e através de seu *chat on-line* (Messenger/Facebook e Whatsapp) igualmente passei a acompanhar os processos de criação desse segundo grupo e participei de dois desafios de criação ficcional, a partir da conhecida brincadeira de amigo secreto ou amigo oculto. O acompanhamento desse segundo grupo proporcionou-me observar similaridades e diferenças nos processos de escrita e socialização dos dois grupos.

---

[5] *Betar* (ou, na forma substantiva, *betagem*): termos derivados da expressão inglesa *beta-reader* (ou "leitor beta", o leitor responsável pela revisão de questões linguísticas e relativas à coerência e/ou fidelidade à obra original). O processo de revisão é conhecido como *betagem*; daí, as formas *betar*, *betando* e derivados.

Por outro lado, para a investigação dos processos de escrita propriamente ditos, utilizo elementos do pensamento bakhtiniano acerca do discurso, especialmente as relações que se estabelecem entre os interagentes da enunciação: locutor/autor, herói/tópico e interlocutor/leitor. Além desses, estudei outros conceitos básicos, desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, tais como: as noções de dialogismo, enunciado concreto e gêneros do discurso – elementos que perpassam todo o pensamento bakhtiniano.

Diante do objeto de estudo e do aporte teórico-metodológico, precisei inicialmente definir minha abordagem. Assim, levantei alguns questionamentos iniciais: de que forma o pensamento desenvolvido por Bakhtin e seu Círculo de intelectuais, nas primeiras décadas do século XX, adapta-se aqui ao estudo do universo de *fandoms* e produção de *fan fictions*, tão próprios do século XXI (embora *fandoms* e *fanfics* sejam anteriores à internet e à vida *on-line*)? Mais ainda: como se articulam, em um todo harmônico, os princípios da etnografia virtual, aliados aos elementos do pensamento bakhtiniano?

No texto *Arte e Responsabilidade*, introdutório à *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin afirma que

> Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. [...] Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela

> não permaneçam inativos (BAKHTIN, 2011, p. xxxiii-xxxiv).

Adaptando o conteúdo dessa afirmativa, tão profundamente filosófica, a meu trabalho de pesquisa, considero que, para compreender os processos de criação nos grupos/comunidades advindos de *fandoms*, uma imersão ou "mergulho" em profundidade nesse universo, como o proporcionado pela abordagem etnográfica, permitiu um conhecimento contextual/situado da cultura de *fandoms* e da comunidade específica de fãs, à qual me integrei, conhecimento este filtrado/mediado pelo ambiente *on-line*. Ou seja, meu envolvimento com o *fandom*, através da abordagem etnográfica, mostrou, por exemplo, dificuldades e especificidades do processo de escrita criativa nesse contexto específico, como a necessidade de mobilização de uma série de conhecimentos, além do conhecimento específico da saga original (a subcultura que se desenvolve nos *fandoms*). Um exemplo disso foi a necessidade de conhecer mais a filmografia do ator que interpreta Severus Snape no cinema, uma vez que esta é uma referência significativa no *fandom HP*[6], de modo especial nos grupos/comunidades de fãs do Mestre de Poções – podendo surgir não apenas nas conversações informais dos *chats*, mas na própria construção de *fanfics*, num processo evidentemente dialógico. Nesse processo, retomando a citação de Bakhtin, a experiência vivenciada foi se integrando à minha vida e ao meu discurso,

---

[6] *HP*: iniciais do nome do protagonista da saga, Harry Potter.

permitindo, inclusive, que (raras vezes) – apesar da minha absoluta e evidente falta de talento para a criação ficcional – eu me arriscasse na construção de *fanfics* curtas (*drabbles*), sempre assistida pela *betagem* de outra *ficwriter* mais experiente.

Hine (2000), por sua vez, salienta que

> O etnógrafo habita uma espécie de entre-mundo, simultaneamente nativo e estrangeiro. Eles [os etnógrafos] devem tornar-se próximos o suficiente para a cultura a ser estudada ser entendida em seu funcionamento e, ainda assim, ser capaz de separar-se dela o suficiente para poder relatar sobre ela (HINE, 2000, p. 4-5)[7].

Ou seja, a afirmação de Hine parece aproximar-se do que Bakhtin e o Círculo chamam de exotopia, uma espécie de posição de fronteira que, todavia, no dizer de Sobral, "não transcende o mundo mas o vê de uma certa distância a fim de transfigurá-lo na construção arquitetônica da obra, estética ou não" (SOBRAL, 2007, p. 109). A posição exotópica corresponderia ainda, segundo Bakhtin (2011), a um excedente de visão e conhecimento por parte do locutor ou autor de um enunciado. Essa parece ser a posição em que me encontro: na fronteira

---

[7] Tradução livre para: *The ethnographer inhabits a kind of in-between world, simultaneously native and stranger. They must become close enough to the culture being studied to understand how it works, and yet be able to detach from it sufficiently to be able to report on it* (HINE, 2000, p. 4-5).

entre a atuação no *fandom* e na pesquisa acadêmica, uma posição delicada, sem dúvida, pois exige proximidade (relativa), atuação prática, e afastamento (relativo), a fim de produzir a escrita acadêmica, objetivo final da pesquisa.

Para exemplificar, enquanto escrevo (ou, por outra, enquanto desenvolvo minha análise, para construção da tese), minhas informantes/sujeitos de pesquisa compartilham mensagens nos dois grupos do Whatsapp, dos quais também participo. Nesses grupos, mulheres de idades diferentes (dos dezoito aos quarenta anos, aproximadamente, se forem considerados os dois grupos); de áreas de formação e/ou profissionais diversas; de diferentes regiões do país, compartilham pequenas (ou grandes) impressões, angústias e alegrias sobre o dia-a-dia – questões de trabalho, faculdade ou família (aniversário de filhos, doenças de familiares), mudanças, trânsito, viagens. Em meio a essa "sopa cotidiana", surgem compartilhamentos de conteúdo sobre a saga *Harry Potter* e sobre Snape (fotos, desenhos, vídeos, montagens fotográficas) e de experiências e lembranças com a saga.

No primeiro grupo, lembranças da época de produção mais intensa, discussões variadas sobre *fanfics*, *fanarts* e sua produção, sobre questões de enredo e características da personagem (nas *fics* e/ou na obra original). No segundo grupo, igualmente discussões variadas sobre *fanfics*, *fanarts* e sua produção, sobre questões de enredo e características da personagem (nas *fics* e/ou na obra original), sobre atualizações de *fanfics* e combinação de prazos para leitura/devolução de material/capítulos de *fics* em processo de

escrita/*betagem*... (Ressalto que algumas dessas conversações, por vezes, são provocadas por mim.)

Essa descrição, um tanto caótica, mostra um pouco da minha vivência no *fandom Harry Potter* snapecêntrico e talvez dê uma ideia da dispersão por que passa meu processo de escrita: ao mesmo tempo em que tento dar conta dos dados já organizados (e, portanto, já "meio antigos"), novos e novos possíveis/prováveis dados vão surgindo, aparentemente de forma infinita, das conversações nos dois grupos. Enlouquecedor, talvez... Mas talvez também dê uma ideia do processo de escrita nesse meio fanfiqueiro: a ficção mistura-se com a vida, a vida mistura-se com a ficção; a personagem está na vida das autoras, as autoras são íntimas da personagem; o *on-line* penetra o *off-line*, o *off-line* é absorvido pelo *on-line*. A imagem seguinte, montada a partir de telas com fragmentos de conversações e compartilhamentos de imagens, talvez exemplifique o que afirmo aqui:

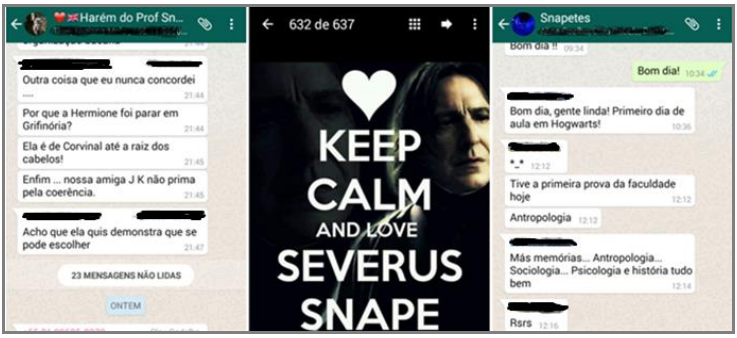

Figura 1 – Telas de conversações em *chats on-line* (Whatsapp)

Na primeira tela, o fragmento de conversação mostra uma discussão sobre a construção das personagens na obra original/oficial; na segunda, um compartilhamento de imagem referente à personagem; na terceira, uma das informantes começa uma conversa sobre a data de início das aulas na Escola de Magia de Hogwarts (dimensão ficcional) e outra informante comenta que teve a primeira prova na faculdade (dimensão cotidiana). Ou seja, as informantes misturam ficção e cotidiano/vida real, de forma natural, espontânea, como se ambos os assuntos fizessem parte do mesmo universo.

De certa forma, essas duas dimensões estão integradas: a cotidiana e a ficcional ou criativa, o que remete à citação de *Arte e Responsabilidade*, apresentada anteriormente, em que Bakhtin fala de uma integração entre vida e arte, em um todo harmonioso.

Nesse sentido, encerro provisoriamente esta parte do meu estudo com uma citação de Sobral, estreitamente relacionada com a minha experiência imersiva no *fandom* e com as vivências das informantes/*ficwriters* dos dois grupos que acompanho:

> O empreendimento bakhtiniano consiste em propor que há entre o particular e o geral, o prático e o teórico, a vida e a arte uma reação de interconstituição dialógica que não privilegia nenhum desses termos, mas os integra na produção de atos, de enunciados, de obras de arte etc. (SOBRAL, 2007, p. 105)

Referências:

FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: Sage, 2000.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2011.

SOBRAL, A. U. Ético e estético – Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo, Contexto, 4. ed., 2007, p. 103-121.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero* – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

UMA PROPOSTA DE ANÁLISE ARGUMENTATIVA E DIALÓGICA: OLAVO DE CARVALHO QUER MATAR O PAPA

Felipe Bonow Soares

Introdução

Esta proposta tem como objetivo trabalhar conceitos da argumentação (especialmente sob o viés de Perelman) em conjunto com elementos do dialogismo (oriundo dos estudos de Bakhtin e do círculo). Com isto, pretende-se exemplificar a possibilidade de uma análise que se aproprie de aspectos complementares dos estudos de autores da retórica e do dialogismo. Não sendo esta uma proposta com o objetivo de contemplar exaustivamente todos os conceitos das teorias aqui utilizadas, alguns aspectos são selecionados para serem trabalhados em maior profundidade de modo a ilustrar as possibilidades de análise a serem realizadas.

Para tal proposta, foi selecionada uma publicação de Olavo de Carvalho em seu Facebook. A coleta da postagem foi realizada em 28 de julho de 2015. A data da publicação é de 15 de maio de 2015. Nela, Olavo de Carvalho fala sobre o Papa Francisco em um tom crítico ao que ele tem feito na posição que ocupa.

Deste modo, a partir dos estudos de Perelman (1993), pretende-se observar a maneira como Olavo de Carvalho constrói argumentos na publicação selecionada. Há, ainda, a questão da imagem, desenvolvida por Fidalgo (2010). Este autor afirma que, com a mudança dos contextos na prestação retórica, o *ethos* (credibilidade do orador), em Aristóteles intrínseco ao discurso, é agora algo construído também fora dele: com a exposição midiática, especialmente nos últimos anos, a imagem do orador tornou-se quase uma espécie de produto publicitário, que deve ser trabalhada constantemente e em diversas mídias. A partir das ideias do dialogismo, objetiva-se construir uma análise a partir do que foi realizado por Sobral (2009), passando por três etapas: descrição, análise e interpretação. Em virtude da extensão desta proposta, estas três etapas não serão descritas (no texto) separadamente, afinal, como o próprio Sobral afirma, não há propriamente uma divisão entre estas três etapas. Deste modo, as etapas foram realizadas como exercício de análise e o que está descrito a seguir já é um construto do que foi descoberto na última etapa (a interpretação), ainda que sejam apresentados elementos das outras duas em conjunto. Ainda no âmbito do dialogismo, pretende-se destacar uma visão triádica da construção epistemológica, segundo o proposto por Ongstad (2004). Este autor propõe, a partir dos estudos de Bakhtin, uma observação do sentido a partir de três elementos: a expressividade (focada no orador, vê uma entoação ativa com a importância da valoração), a referencialidade (com foco no objetivo, observa os presumidos linguísticos e

culturais) e a endereçabilidade (com o destaque da resposta ativa do interlocutor).

Dito isto, é possível avançar para a discussão da análise aqui realizada e para o destaque dos sentidos dela extraídos.

Uma análise argumentativa e dialógica

Imagem 1 – Publicação de Olavo de Carvalho no Facebook

Como afirma o título deste tópico, esta é uma análise (possível) da publicação selecionada. Outras seriam possíveis, não só buscando conceitos alternativos no âmbito da retórica e do dialogismo, mas até mesmo a partir dos conceitos aqui selecionados.

Em um primeiro momento, parece interessante refletir sobre a estrutura argumentativa utilizada por Olavo de Carvalho. Partindo da ideia da endereçabilidade (ONGSTAD, 2004), é preciso destacar que os argumentos presentes em sua publicação não são só dele, mas também do interlocutor a quem a mensagem é endereçada. O conceito de adesão dos espíritos de

Perelman (1993) tem a ver com esta ideia: a adesão dos espíritos não se limita a uma adesão puramente intelectual do auditório, mas tem como objetivo final incitar à ação ou, ao menos, predispor este auditório a uma ação futura, portanto, como Perelman afirma, a argumentação deve se basear no contexto e, assim, adaptar-se ao auditório a que se dirige.

Segundo as propostas do dialogismo, o processo mais racional da atenção e da influência do auditório (do outro), se torna algo intrínseco a qualquer discurso, para se falar algo, é pressuposta a presença do outro. Aqui se pode começar a pensar a quem se dirige a fala de Olavo de Carvalho. É preciso observar como fala, quais marcas linguísticas apresenta em seu enunciado e a quem se refere nele. Ainda é preciso ver que o Papa Francisco é, ao mesmo tempo, um outro, a quem também o enunciado se dirige ao realizar uma crítica, como será descrito em frente; um elemento de valoração a partir da concepção do eu (Olavo de Carvalho) e a quem este eu considera de acordo com determinados valores, como também será detalhado mais em frente; e o objeto – referente – do enunciado.

A referencialidade não tem como objeto apenas o Papa Francisco, mas também elementos da política e da religiosidade. Como será descrito posteriormente, Olavo de Carvalho usa o Papa não apenas para fazer uma crítica ao próprio pontífice, mas também ao modelo de pensamento em que este tem enquadrado suas falas e atitudes.

É possível agora seguir aos elementos linguísticos e argumentativos. Pensando-se no âmbito das teorias da argumentação, usando aqui as ideias de Perelman quando afirma que são dois os objetos em que o orador pode se apoiar para construir sua argumentação. Os que incidem sobre o real: os fatos, as verdades e as presunções. E os que incidem sobre o preferível: os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. Na argumentação de Olavo de Carvalho não estão presentes os objetos que incidem sobre o real, ele não se apropria de nenhum deles. O que utiliza são os valores. Isto pode ser percebido subjetivamente em todo o enunciado, mas fica especialmente claro quando afirma: "logo virá um Papa melhor". Ainda que não necessariamente para vir algo melhor o atual seja ruim. Com as afirmações anteriores de que não há mais nada a fazer com o Papa, senão "ignorá-lo, virar-lhe as costas" em "respeito à cátedra que ele ocupa", fica claro a quais valores Olavo de Carvalho relaciona o Papa Francisco.

Quando se leva em conta os argumentos de ligação de Perelman (1993), aqueles que defendem uma tese a partir de premissas que devem ser aceitas pelo auditório, é possível observar que tipo de argumento é usado por Olavo de Carvalho. Perelman divide os argumentos em três grandes grupos. Dentro dos argumentos fundados sobre a estrutura do real está a ligação de coexistência. Esta relaciona elementos de realidades de níveis desiguais, sendo uma apresentada como manifestação da outra. O exemplo mais simples e usual é o vínculo entre o indivíduo e seus atos. Neste caso, o indivíduo (como construção social) e as suas ações

estão em constante interação, de modo que dificilmente se pode dizer qual elemento deu origem ao outro. Por meio da ligação de coexistência, busca-se compreender o caráter do indivíduo por meio de seu comportamento ou o inverso.

Olavo de Carvalho, por meio da ligação de coexistência, sugere que os atos do Papa Francisco, ainda que não cite nenhum, não estão em coerência com a posição que ocupa e com as ideias que (Olavo) defende. Assim, ao relacionar Francisco com os valores anteriormente citados, Olavo de Carvalho pretende destruir o caráter / a imagem (FIDALGO, 2010) do Papa sugerindo que os atos realizados pelo pontífice permitem a realização desta associação.

Aqui a utilização conjunta do dialogismo nesta análise não pretende contrariar o que foi apresentado. Observar os tipos de argumentos e quais suas finalidades parece importante para a análise proposta. Com elementos do dialogismo (os quais, inclusive, alguns já estão sendo destacados no decorrer da análise com um foco na argumentação) é possível agregar elementos complementares capazes de enriquecer os resultados obtidos. Realiza-se, assim, uma análise que parte de dois pontos diferentes (a corrente da retórica e argumentação inaugurada por Aristóteles e seguida – e renovada – por Perelman e Fidalgo e as ideias do dialogismo, baseadas nos pensamentos de Bakhtin e do Círculo sobre linguagem e discurso) que não se contrapõem ou anulam, mas que são complementares e mostram eficiência quando utilizados de maneira complementar. É isto, ao

menos, que se pretende provar aqui na realização desta análise.

Partindo do procedimento de análise utilizado por Sobral (2009) e atentando, especialmente, para os conceitos de expressividade, referencialidade (esta já destacada anteriormente) e endereçabilidade, é possível descrever sentidos extraídos da publicação de Olavo de Carvalho. O que se pretende, portanto, é destacar marcas linguísticas (já no âmbito da intepretação) para destacar os sentidos extraídos (a partir da análise) da publicação selecionada.

A valoração (presente na expressividade) e a responsividade ativa (presente na endereçabilidade) (SOBRAL, 2009) podem ser relacionadas diretamente com o que foi dito sobre a argumentação de Olavo de Carvalho e a observação que os objetos desta incidem sobre o preferível. Como visto, em trechos destacados anteriormente, Olavo de Carvalho relaciona o Papa Francisco com valores negativos, o que pretende, portanto é, não apenas atacar a imagem do Papa, mas também produzir um sentido (e gerar uma ação) no seu interlocutor: não se deve gostar do Papa Francisco porque os seus atos não correspondem com a posição que ocupa. Para além disto, é possível destacar dois elementos importantes nos sentidos da publicação aqui analisada: 1) há uma contradição presente na fala de Olavo de Carvalho; 2) ainda que não diga explicitamente, Olavo de Carvalho deseja a morte de Francisco.

O primeiro elemento pode ser visto quando Olavo de Carvalho responde a pergunta inicial de sua postagem: “Que fazer com o Papa Francisco? Minha solução pessoa é: Ignorá-lo, virar-lhe as costas”. A contradição se mostra quando, mesmo com a sugestão de ignorar o Papa Francisco, a ação de Olavo de Carvalho é exatamente o oposto. Ele não só não o ignora, como argumenta e faz uma dura crítica ao Papa Francisco (atribuindo-lhe valores negativos, como já citado). Deste primeiro elemento, pode-se introduzir para os sentidos extraídos (e considerados nesta análise como os mais profundos e presentes na fala de Olavo de Carvalho) sobre o desejo da morte de Francisco.

Ainda que não explicite a intenção da morte de Francisco, isto pode ser interpretado a partir das marcas linguísticas presentes na fala de Olavo de Carvalho. A primeira marca a ser tomada é quando afirma: “Ele está velho, não vai viver para sempre nesta Terra, e logo virá um Papa melhor, com a graça de Deus”. A partir dos valores atribuídos e da construção de Francisco no discurso de Olavo de Carvalho, é facilmente perceptível que há um embate de posicionamentos. A partir disto, Olavo de Carvalho sugere que o Papa está velho e tende a morrer em breve. Mais do que isso, espera um Papa melhor no futuro. Aqui já é possível observar o posicionamento de Olavo de Carvalho, mas outra marca pode ser destacada para complementar a interpretação aqui realizada: “Por uma questão de respeito à cátedra que ele ocupa, e tendo em vista a minha absoluta incapacidade de interferir utilmente na situação”. Aqui está subentendido que Olavo de Carvalho não tem

capacidade para modificar a situação como está descrita, ele não pode tirar Francisco da posição que ocupa (e ele não pode matar o Papa). Sugere, então, que logo Francisco vai morrer. No fundo, o desejo de Olavo de Carvalho é justamente este: a morte de Francisco e o surgimento de um novo Papa (alinhado com os pensamentos defendidos por Olavo de Carvalho).

Referências

FIDALGO, António. Da retórica às indústrias da persuasão. In: FERREIRA, Ivone. GONÇALVES, Gisela (org.). As Indústrias da Persuasão. Covilhã: Livros Labcom, 2010 (p. 5-25).

ONGSTAD, Sigmund. *Bakhtin's Triadic Epistemology and Ideologies of Dialogism*. In: BOSTAD, Finn et al (org.). *Bakhtinian perspectives on language and culture: meaning in language, art, and new media*. Palgrave Macmillan: New York, 2004 (p. 65-88).

PERELMAN, Chaïm. *O Império Retórico: Retórica e Argumentação*. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: Asa, 1993.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero:* as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA "ARQUITETÔNICA AUTORAL" DO GÊNERO ACADÊMICO DISSERTAÇÃO

Fernanda Taís Brignol Guimarães

Este trabalho toma como questão de estudo as relações existentes entre texto, discurso e gênero, nos termos de um tratamento genérico pela perspectiva discursiva e não apenas como formas textuais, o que é um (mas não o único) elemento que compõe o gênero. A base teórica adotada é a Análise Dialógica do Discurso – ADD, de Bakhtin e o Círculo, em que o foco principal recai sobre os conceitos bakhtinianos de dialogismo (elemento constitutivo de toda e qualquer manifestação da linguagem) e gêneros do discurso, como "tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 2011, p. 262), que nascem das relações dialógicas da língua e organizam o dizer, se adaptando e se moldando de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes.

O objeto de estudo consiste em uma dissertação de mestrado, defendida na Unicamp, no ano de 2007, formada composicionalmente por uma coletânea de cartas endereçadas (mas não enviadas) a interlocutores reais. A partir da análise do "projeto arquitetônico autoral" (SOBRAL, 2006) dessa dissertação, busco mostrar que não está no texto a chave de realização de um gênero, mas em seu projeto enunciativo e nas relações de interlocução estabelecidas em dado contexto específico de interação.

A metodologia adotada é a pesquisa qualitativa interpretativista, por meio da qual desenvolvo um estudo de caso. Para fins de análise parto da sequência descrição – análise – interpretação, proposta por Brait (várias datas) e acessada em Sobral (2006; 2009). A partir dessas três etapas de análise, tenho como objetivo compreender a construção das partes e as relações que se estabelecem entre elas de forma a obter a compreensão do todo, em um movimento dialógico de entendimento das relações parte-todo que constroem arquitetonicamente o gênero.

Desse modo, em um primeiro nível trato de descrever o que há de peculiar nessa dissertação (na forma de um levantamento), no que diz respeito a sua construção material. Em um segundo nível, passo para a análise dos elementos descritos, buscando compreender como acontece o funcionamento discursivo desses elementos no contexto específico de enunciação. E, por fim, busco interpretar a partir da descrição e análise desses elementos, como se dá seu funcionamento no todo discursivo que constitui o projeto arquitetônico da dissertação.

Além disso, os elementos a serem observados na construção arquitetônica da dissertação analisada serão organizados de acordo com três planos de observação do objeto: projeto enunciativo, posição enunciativa e projeto arquitetônico. Parto, portanto, da observação do mais amplo, ou seja, do projeto enunciativo responsável por definir o gênero, a fim de chegar a um entendimento a respeito da posição enunciativa assumida pela

pesquisadora e, por conseguinte, da construção arquitetônica autoral da dissertação.

Cabe lembrar que esses níveis foram assim estabelecidos para melhor explicar como ocorrerá a análise dos dados, isto é, a fim de torná-la mais didática. Portanto, conforme alerta Sobral "não há propriamente uma divisão, exceto se a pensarmos como recurso de 'demonstração' do percurso de abordagem do objeto" (SOBRAL, 2009, p. 137 [grifo no original]). Desse modo, pretendo chegar à compreensão sobre as relações dialógicas que se estabelecem na relação parte-todo constituintes do objeto.

A partir dos três planos de análise mencionados – o projeto enunciativo, a posição enunciativa e o projeto arquitetônico –, observo os seguintes aspectos na construção arquitetônica autoral da dissertação, objeto deste estudo:

- **No que concerne à estratégia utilizada para análise das cartas que compõem a dissertação**

    1) Análise da carta aos colaboradores (Agradecimentos)
    2) Análise das cartas da dissertação em geral

- **No que concerne à análise das cartas da dissertação em geral**

1) Quanto à posição enunciativa e o endereçamento do discurso
   - O vocativo e o modo de endereçamento explícito das cartas: o destinatário suposto (AMORIM, 2002)
   - O discurso dirigido à academia e o endereçamento implícito: o destinatário real (AMORIM, 2002)
   - A justificativa e a posição enunciativa de acadêmica

2) Quanto ao uso das formas composicionais da carta e o tom do discurso: modos de interlocução
   - O vocativo e o tom do discurso
   - As formas de despedida das cartas e o tom do discurso

3) Quanto às marcas de narrativa e o tom do discurso

4) Quanto ao tom das cartas e as seções típicas do gênero acadêmico dissertação
   - A carta aos destinatários e o tom de introdução
   - A correspondência I e o tom de Referencial Teórico

- A correspondência II e o tom de Metodologia
- As correspondências III e IV – seções atípicas do gênero acadêmico
- A correspondência V e o tom de Análise dos dados
- A correspondência VI e o tom de Considerações Finais
- As correspondências VII e VIII e o tom de Referências Bibliográficas e de Anexos

5) Quanto às marcas linguísticas e às marcas enunciativas, responsáveis por revelar a significação e o tema do que está sendo enunciado
   - O formato das datas presentes nas cartas da dissertação
   - As marcas do gênero acadêmico dissertação e as marcas da carta: o que revelam?

6) Quanto às diferentes vozes presentes/constituintes no/do discurso
   - A arquitetônica autoral da dissertação e a organização das vozes do texto
   - A voz dos sujeitos de pesquisa e dos autores citados no texto

7) Quanto à análise dos elementos de intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade na construção arquitetônica autoral da dissertação

Por se tratar de um recorte de minha dissertação de mestrado, em andamento, a pesquisa ainda não apresenta resultados, mas a hipótese a ser confirmada com a análise dos dados é a de que não é determinante a forma textual empregada na realização de um gênero, mas sim o projeto enunciativo do interlocutor, as relações enunciativas e os modos e/ou tipos de interlocução estabelecidos em dado contexto específico de enunciação.

Nesse sentido, pretendo mostrar com a análise que, embora a dissertação analisada apresente uma forma composicional atípica (a da carta) e, também, marcas de narrativa, o que continua sendo realizado são as seções típicas de um trabalho acadêmico convencional, ou seja, a presença de marcas típicas da carta e da narrativa, não altera a finalidade enunciativa do texto, que continua fazendo parte de um dado gênero (o gênero acadêmico dissertação). A relação enunciativa que se estabelece e o projeto de dizer realizam o gênero acadêmico dissertação e não uma coletânea de cartas.

Assim, busco mostrar como é possível usar as formas típicas de um gênero em outro, sem que com isso haja alteração do projeto enunciativo do gênero no âmbito do qual se produzem enunciados.

Referências:

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 7-19, julho/ 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 6ª Ed., 2011.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero*: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

_____. *Elementos sobre a formação de Gêneros discursivos: A fase "parasitária" de uma Vertente do gênero de auto-ajuda*. 2006. 325 f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2006.

UMA REFLEXÃO SOBRE BAKHTIN NA SALA DE AULA

Jorge André Nogueira Alves

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, houve a possibilidade de mudanças no sistema educacional brasileiro. Ao defender uma escolaridade voltada à cidadania, à formação de sujeitos participativos e conscientes de sua dimensão social, a LDB tematizou o debate escolar sobre reformulação das práticas pedagógicas vigentes até então.

No que diz respeito ao ensino de língua materna, essas reformulações ganharam ainda mais espaço com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio - Língua Portuguesa (PCNLP, 2000. Nesse documento, a linguagem ganha definitivamente uma nova perspectiva de ensino, a qual muitos especialistas denominam concepção sociointeracionista. Sob essa ótica, o ensino da língua materna desloca seu eixo dos aspectos gramaticais e normativos para o eixo da linguagem em uso:

> Nas práticas sociais, o espaço da produção dos sentidos é simultâneo. Nesse, as linguagens se estruturam, normas (códigos) são partilhadas e negociadas. Como diz Bakhtin, a arena de luta daqueles que procuram conservar ou transgredir os sentidos acumulados são as

> trocas linguísticas, as relações de força entre indivíduos. (PCN, 2000, p. 6)

Na continuidade dessa proposta, Travaglia (2000) observa que o objetivo fundamental do ensino de língua materna deve, prioritariamente, pôr em prática a competência comunicativa dos usuários da língua - falante, escritor/ouvinte, leitor. Por sua vez, o desenvolvimento da competência comunicativa conduz à necessidade da promoção, em sala de aula, do encontro dos alunos com a diversidade textual, expondo-os às várias situações de leitura e produção de textos.

Na visão dos PCNLP, desde o ciclo fundamental, o objeto de ensino/aprendizagem passa a ser o conhecimento linguístico e discursivo

> com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem. Organizar situações de aprendizado, nessa perspectiva, supõe: planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino. (BRASIL, 1998, p. 22)

Por conseguinte, estudar a língua como atividade social, meio de interação entre pessoas, em um determinado contexto, conduz ao campo dos gêneros e, consequentemente, aos conceitos trabalhados por Bakhtin. Os gêneros, nos PCNLP, são entendidos como práticas sociais inseridas nas inúmeras situações linguisticamente significativas; eles auxiliam o educando a expandir sua capacidade de uso da linguagem, possibilitando-lhe um domínio cada vez maior de diferentes padrões de fala e de escrita. Por isso, a noção de gênero textual adotada pelo referido documento remete-nos diretamente a textos orais ou escritos que se concretizam em eventos comunicativos. São famílias de textos que "compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual se articula, tipo de suporte [livro, jornal, fita, revista, CD etc.] comunicativo, extensão, grau de literariedade (...) existindo em número quase ilimitado" (BRASIL, 1998, p. 22).

De acordo com os PCNLP, a análise dos gêneros textuais não está limitada ao campo das características estruturais de determinados textos, ela alcança outros aspectos, principalmente os que estão relacionados às condições sociais de produção e recepção. Por isso, estudá-los é um meio para desenvolver a competência comunicativa, pois, à medida que se amplia o repertório de gêneros, está-se mais preparado para o enfrentamento das diversas situações comunicativas que surgem no cotidiano.

Em vista disso, é possível perceber que as alterações sobre o ensino da língua materna propostas pelos PCNLP provocaram mudanças significativas no contexto prático da sala de aula, levando os conceitos de polifonia, dialogismo e gênero às aulas de língua materna das escolas brasileiras. Se se considerar que nas propostas curriculares, em vigor, os estudos sobre os fenômenos da linguagem se orientam a partir de uma perspectiva social baseada na relação dialética indivíduo/sociedade, percebe-se a presença dos conceitos bakhtinianos.

Através da polifonia, do dialogismo e dos gêneros torna-se possível a observação da língua como um fenômeno heterogêneo e interativo, por isso, a maior contribuição que o estudo desses conceitos pode oferecer às aulas de língua materna está relacionada à construção dos sentidos do texto. Levando-se em conta que tal construção dá-se na interação de sujeitos, podemos inferir que as concepções bakhtinianas emergem como "ferramentas" muito úteis à compreensão textual. No caso específico dos gêneros, o conhecimento dos elementos que os governam faz-se necessário por dois motivos: primeiro porque, conforme os PCNLP são considerados as bases de sustentação do ensino da língua materna; segundo, porque materializam as trocas interativas que ocorrem nas relações sociais – os gêneros demarcam as "identidades sociais" e as "posições do sujeito", neles travam-se os diálogos dos "eus", ecoam-se as "vozes" da sociedade.

É imprescindível perceber que Bakhtin, ao defender uma língua viva e interativa, oferece também a possibilidade de estabelecimento de uma nova relação entre alunos e professores, uma relação em que a sala de aula não seja vista apenas como um local de transmissão de conteúdos, mas como um palco de interação de sujeitos que buscam construir conhecimentos e significados através de intercâmbio e de experiências. Assim, podemos concluir que os conceitos bakhtinianos devem ser encarados como subsídios extremamente úteis ao desenvolvimento e ao aprimoramento das aulas de língua materna.

Referências

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* Ensino Médio: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos.* 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: Brait, B. (Org.) *Bakhtin conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação:* uma proposta para o ensino de gramática no 1° e 2° graus. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SOBRE O COMENTAR NA WEB: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Márcia Froehlich

O advento da *World Wide Web*, hoje popularmente conhecida apenas como *Web*, ampliou enormemente as possibilidades comunicacionais entre as pessoas e, concomitantemente, para os pesquisadores, permite a observação de grande número de fenômenos comunicativos da sociedade contemporânea. Uma das estudiosas de Comunicação Mediada por Computador, a norte-americana Susan Herring, ao abordar o discurso mediado por computador, aponta duas fases para a *Web.* Conforme Herring (2011), "os primeiros websites da metade dos anos 1990 tendiam a ser documentos estáticos, autorais; eles incluíam páginas pessoais, listas de questões frequentes (FAQs) e sites de e-commerce" (p. 2, tradução minha).

A partir da virada para o século XXI, ocorre uma mudança numa direção mais dinâmica, mais participativa, com o surgimento de aplicações com maior potencial interativo, tais como *blogs*, portais de notícias online e, mais recentemente, *sites* de redes sociais *(facebook, twitter*). A maioria dessas aplicações, além de permitir que seu conteúdo seja alterado com frequência, possibilita que os internautas deixem comentários sobre o conteúdo postado, incrementando as interações ocorridas no espaço virtual. Desse modo, a interface de comentários mostra-se um espaço que permite visualizar,

ao longo de determinado tempo, a circulação de discursos de diversas ordens.

A proposta deste trabalho é justamente refletir sobre essa ação de comentar na *Web* a partir da noção de diálogo como entendida pela Análise Dialógica do Discurso (ADD). As observações analíticas aqui contempladas têm como base comentários produzidos para dois *blogs*[8] literários: claricelispector.blogspot.com.br e contosdocovil.wordpress.com, os quais mantêm, entre seus *posts*, contos de Clarice Lispector, uma das autoras brasileiras mais populares na *Web*. Os *blogs* literários permitem aos leitores, além do contato com textos literários, compartilhar impressões de leitura e trocar informações com outros leitores, numa relação de igualdade nem sempre existente em situações presenciais.

Para os fins deste texto, os *blogs* literários são considerados como parte de esferas da atividade humana ou domínios discursivos que definem o uso linguístico nas interações sociais, uso que se dá por meio de "enunciados concretos", materializados em textos

---

[8] Essa modalidade de *site* surgiu no final da década de 1990, popularizando-se a partir de 1999, com o lançamento de *softwares* de publicação, como o *Blogger*, cuja interface tornou a tarefa de publicar conteúdos *online* extremamente fácil e acessível para quem não tinha conhecimentos em programação: bastava escrever o título, o texto que comporia o *post* e depois clicar em "publicar" para tê-lo exposto no *site* (MALINI, 2008). Essa facilidade de uso abriu caminho para que os *blogs* fossem apropriados pelos usuários e se diversificassem.

definidos, específicos, constituídos pela singularidade de tal instância discursiva.

1 A noção de diálogo

Conforme Beth Brait, na Análise Dialógica do Discurso, o discurso não deve ser abordado a partir de uma perspectiva unicamente interna ou exclusivamente externa à linguagem. Isso porque "excluir um dos pólos [sic] é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise, e dado como constitutivo da linguagem" (BRAIT, 2006, p. 59).

A noção de dialogismo, fundamental no pensamento de Bakhtin e do círculo, pressupõe que não há palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico, que se perde num passado e num futuro ilimitados (cadeia dialógica). Na **Estética da criação verbal**, o linguista russo introduz o conceito de diálogo, expondo que:

> O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva* (BAKHTIN, 2000, p. 294, grifos do autor).

Assim, a noção de diálogo abrange tanto o sentido mais estrito do termo – enquanto gênero primário, os diálogos do cotidiano – quanto o sentido mais amplo de condição dialógica da linguagem. Nos diálogos do cotidiano "são atenuadas as convenções culturais e é dispensada a atenção a hierarquias e a diferentes papéis sociais" entre seus participantes. E, "desse relaxamento de regras e coerções sociais, derivam a descontração, a confiança, a expectativa de boa vontade" (MARCHEZAN, 2012, p. 126) que caracterizam a entoação em tais diálogos.

Já a condição dialógica da linguagem remete ao "entendimento de que qualquer desempenho verbal é constituído numa relação, numa alternância de vozes" (MARCHEZAN, 2012, p. 117), numa reciprocidade entre um eu e um outro. O acabamento do enunciado refere-se à alternância de vozes vista do interior do fluxo verbal e, segundo Bakhtin, pode ser definido por meio de critérios particulares. O mais importante dentre eles é a responsividade, isto é, o interlocutor "que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo [de interlocução]" (BAKHTIN, 2000, p. 290).

2 Os comentários de *blogs* literários

Ao se relacionar a noção de diálogo aos comentários em *blogs*, o primeiro aspecto a ressaltar é que todo comentário é uma réplica, isto é, nasce como uma resposta a um enunciado anterior – o *post*, outro comentário -, e deste enunciado advém o(s) tópico(s) que será(ão) desenvolvido(s), dependendo do projeto enunciativo do locutor comentarista. No caso dos *blogs* em estudo, os *posts* são constituídos por contos de Clarice Lispector, e os comentários a eles expõem reação emocional (positiva ou negativa), elogiam, criticam, explicam, interpretam, evocam memórias relacionadas à leitura do conto. Quando suscitados por outro comentário, o conteúdo temático pode complementar, refutar ou concordar com as afirmações de outro(s) comentarista(s) em relação ao conto ou, então, o tópico pode ser um juízo de valor (positivo ou negativo) a respeito do outro comentarista. O conteúdo do comentário também pode conter uma avaliação (elogiosa ou crítica) do *blog,* ou um pedido de esclarecimento. Percebe-se daí, que a interface de comentários nos *blogs* constitui um espaço aberto à participação dos leitores capaz de abrigar uma diversidade de projetos enunciativos, concretizados através de diferentes modos de endereçabilidade e entoações.

Sendo uma réplica, um comentário é sempre dirigido a alguém, mesmo que não explicitamente, isto é, quando o interlocutor não é mencionado no texto. Mas, para além da identificação do destinatário, a endereçabilidade é importante porque, na visão bakhtiniana, o outro, o destinatário é uma instância

interior ao enunciado, participando não apenas na etapa de interpretação – enquanto destinatário real – mas também interferindo nas escolhas – lexicais, de tópicos – que o enunciador realiza para se antecipar à atitude responsiva do interlocutor. Um exemplo no caso dos comentários de *blogs* pode ser observado na prática de moderação de comentários. Trata-se de um recurso oferecido pelo *software* de autoria de *blogs* e consiste na possibilidade de o blogueiro selecionar os comentários que serão publicados, exercendo, portanto, um controle sobre eles. Em um *blog* moderado, os comentaristas buscam se ajustar às expectativas do blogueiro a fim de garantir a publicação de seu comentário. É o caso do *blog* claricelispector.blogspot.com.br, que apresenta as seguintes diretrizes para os comentários:

> Todos os comentários são moderados.
> Ao comentar desligue o CAPS LOCK e evite a linguagem utilizada na internet.
> NÃO serão publicados os comentários que:
> (a) Sejam ilegais, violentos, racistas ou preconceituosos;
> (b) Sejam falsos e/ou ambíguos;
> (c) Venham a ameaçar, ofender, abalar a imagem ou prejudicar terceiros;
> (d) Coloquem à disposição ou possibilitem o acesso a mensagens, produtos ou serviços ilícitos, violentos, racistas ou preconceituosos.
> Fonte: claricelispector.blogspot.com.br

Tais orientações influem no conteúdo e no estilo verbal dos comentários, que não contêm impropérios e buscam seguir a variedade culta da língua. Em contraposição, no *blog* contosdocovil.wordpress.com, os comentários não são moderados e, por essa razão, apresentam prática de *cyberbullying,* isto é, uso de palavrões e xingamentos com o intuito de insultar alguém.

Outro aspecto importante a ser destacado quanto à destinação dos comentários é que, em sua maioria, são endereçados aos internautas em geral, as chamadas "audiências invisíveis", segundo Recuero (2013). Essa característica pode ser aproximada da noção bakhtiniana de sobredestinatário. Segundo Amorim (2002), o sobredestinatário é distinto do destinatário suposto quanto à temporalidade e à espacialização do texto:

> O destinatário suposto faz ouvir a voz do contexto de origem do texto; ele faz que um texto seja sempre um texto de seu tempo e de seu meio. O sobredestinatário, ao contrário, libera o texto das limitações de seu contexto, projetando-o naquilo que Bakhtin nomeia *grande temporalidade*: um tempo futuro, desconhecido e imprevisível em que o texto poderá ser acolhido e, ao mesmo tempo, reconstruído de outro modo. Acredito poder dizer que o destinatário suposto remete a uma dimensão histórica e única do texto, enquanto o sobredestinatário atesta seu trabalho em direção a uma dimensão universalizante (p. 1).

Os comentários em *blogs*, como aliás, em outros meios de comunicação mediada por computador, uma vez publicados, lá permanecem indefinidamente, podendo ser lidos em um tempo muito além de seu contexto de origem, projetando-os para uma audiência futura. E isso ocorre mesmo para os comentários cujo destinatário está explícito no texto: o blogueiro, outro comentarista, Clarice Lispector.

Já a análise do estilo verbal dos comentários produzidos para os *blogs* literários, permite aproximá-los dos diálogos do cotidiano. Ainda que plasmados em linguagem escrita, guardam o tom não elevado da conversa espontânea, incorporando, com frequência, recursos como onomatopeias e *emoticons* no intuito de simular a linguagem oral. Maiúsculas e pontuação expressiva também são recursos recorrentes para acentuar a entoação emocional desses comentários. Esse hibridismo da linguagem, que David Crystal denominou *netspeak*, é típico das interações verbais na *Web* e recebeu atenção de diversos pesquisadores em linguagem.

Outros comentários, por sua vez, adquirem contornos argumentativos, aproximando-se de certos gêneros secundários, como a resenha crítica, ainda assim mantendo a informalidade na linguagem. Quando isso ocorre, tendem a ser mais extensos e a usar um vocabulário mais sofisticado. Um exemplo (breve) pode ser conferido a seguir:

Rafael Ramalho em dezembro 23, 2011 às 1:15 am disse:

> Adorei esse texto da Clarice. É encantadora a forma como ela descreve a angústia de encarar a realidade. A técnica, sutiliza, profundidade e manejo de linguagem demonstrados pela autora são perfeitos. Sem falar na descrição do fluxo de consciência da personagem Ana, uma epifania repleta de metáforas discretas e significativas. Pra mim o trecho que melhor exemplifica isso é: "A rede perdera o sentido, e estar no bonde era um fio partido", inesquecível…

Fonte: contosdocovil.wordpress.com

É interessante observar o uso de termos referentes à área de Estudos Literários, tais como: "fluxo de consciência", "epifania", "metáforas"; a revelar que o sujeito locutor detém um conhecimento especializado e, nesse momento, o discurso é impessoal, marcando o distanciamento crítico do analista em relação ao objeto texto. O uso da 1ª. pessoa – "adorei", "pra mim" – é reservado para os momentos de irrupção de juízos de valor com maior carga emocional e se combina a um tom coloquial: "pra" em vez de "para", "texto da Clarice", como se a escritora fosse uma pessoa de suas relações íntimas. Não é o analista falando, mas o fã.

Os aspectos relacionados ao estilo verbal dos comentários apontam não apenas um hibridismo linguístico constitutivo, mas também uma intergenericidade. Tais aspectos exigem uma análise mais

apurada da arquitetônica dos comentários, para a qual, infelizmente, não há espaço neste texto.

À guisa de conclusão

O presente texto buscou tecer algumas considerações sobre os comentários produzidos em *blogs* literários, analisando-os a partir da noção de diálogo, conforme os estudos bakhtinianos. Tais considerações, ainda que incipientes, serviram para mostrar tanto a proximidade dos comentários com os diálogos do cotidiano – sobretudo no que tange ao estilo verbal – quanto para identificar a condição dialógica da linguagem no exame da endereçabilidade dos comentários.

Referências

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa,* São Paulo, n. 116, 2002. Disponível em:<http://dx.doi.org/ 10.1590/S0100-15742002000200001>. Acesso em: 20 out. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAIT, Beth. *Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise.* Gragoatá, Niterói, n. 20, p. 46-60, 2006.

HERRING, Susan C. Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured and emergent. In: TANNEN, D.; TESTER, A. M. (eds.). Discourse 2.0: Language and new media. Washington, DC: Georgetown University Press, 2011. p. 1-

25. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/ ~herring/ GURT.2011.prepub.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2014.

MALINI, Fábio. Por uma genealogia da blogosfera: Considerações históricas (1997 a 2001). *Lugar Comum*, n. 23-24, p. 33-47, 2008.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin:* Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012. p. 115-131.

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet. In: PRIMO, Alex (org.). *Interações em rede.* Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 51-69. (Coleção Cibercultura)

SOBRAL, Adail. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: Novas reflexões. *Letras de Hoje,* Porto Alegre, n. 1, v. 46, p. 37-45, jan./jul. 2011.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA NO ENTREMEIO IDENTITÁRIO FRONTEIRIÇO

Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques

Nasci na fronteira Quaraí (BR) – Artigas (UY), frequentava com regularidade a casa da minha avó paterna em Sant'ana do Livramento (BR)-Rivera (UY), morei por vinte anos em Uruguaiana (BR) que linda com a cidade argentina Paso de Los Libres e agora me instalei na fronteira Jaguarão (BR)- Río Branco (AR). É a quarta fronteira com que tenho contato, a quarta fronteira que me constitui enquanto sujeito fronteiriço. Diante dessa mobilidade entre as fronteiras e nas fronteiras, primeiro na região oeste do Rio Grande do Sul e atualmente na região sul, o contato com as duas línguas (língua espanhola e língua portuguesa) está presente no meu cotidiano desde a infância. A mobilidade da família ocorria devido ao trabalho e de acordo com as vantagens comercias e cambiarias, de um ou de outro país, de uma ou de outra fronteira.

Foi nesse mover, nesses entrelugares que nasci e cresci: sujeito de fronteira que se conhece e se reconhece como um pouco daqui e outro pouco de lá, que se constitui nesse entrelaçar de culturas e de línguas. Como se não pertencêssemos completamente a nenhum dos dois países, pois pertencemos ao nosso espaço, ao espaço que criamos para nós, a intersecção constituída com um pouco do A e um pouco do B, ou seja, o nosso C. Esse olhar relativiza a noção de que todos os fronteiriços são

constitutivos das mesmas práticas sociais e linguajeiras, consequentemente, isso nos permite afirmar que os vínculos que os sujeitos que vivem em cidades fronteiriças estabelecem com o seu contexto fronteiriço é relativo. Isso porque as relações com os outros sujeitos, com o contexto fronteiriço situado, ou seja, o histórico das práticas sociais de cada sujeito tem um valor axiológico próprio. Cada sujeito ocupa posições sociais relativas, posições que mudam conforme mudam as práticas sociais e a relação que temos com o outro. As posições sociais, longe da fixação, reiteram o entendimento do sujeito dialógico, do sujeito que se constitui em relação com o outro.

A partir desta breve reflexão, trago neste capítulo a parte inicial do meu trabalho de doutoramento em que foco a importância da instalação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) na região Sul do Rio Grande do Sul, principalmente, no que tange ao processo de ingresso de alunos uruguaios fronteiriços que visa fomentar ainda mais a integração na fronteira Jaguarão (BR) – Río Branco (UY). Para tanto, apresento uma seção sobre a instalação da UNIPAMPA, logo trago uma breve explanação sobre o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios e, por fim, discuto alguns dados arrolados acerca da motivação que levou os alunos uruguaios a estudarem no Brasil e se algum fato da vida deles influenciou essa escolha.

1 A UNIPAMPA e a integração regional

A Universidade Federal do Pampa (doravante UNIPAMPA) é fruto de um projeto de expansão das Instituições Federais de Educação Superior promovido pelo Governo Federal a partir de mobilizações de dirigentes de alguns municípios da metade sul do Rio Grande do Sul. Esse movimento que permite a expansão das Instituições Públicas de Educação Superior está amparado no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni[9]).

A consolidação dessa Instituição de Ensino Superior, que é parte da expansão da oferta de Educação Superior no Rio Grande do Sul, foi firmada em 2005 por meio do acordo de Cooperação Técnica entre o Ministério da Educação, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Na ocasião, coube à UFSM e à UFPel a tutoria e a implantação dos campi em dez municípios. Os campi de São Borja, Itaqui, Alegrete, Uruguaiana e São Gabriel ficaram sob a responsabilidade da UFSM e os de Jaguarão, Bagé, Dom Pedrito, Caçapava do Sul e Sant'ana do Livramento sob a responsabilidade da UFPel. Essa distribuição vigorou até 2008, quando a UNIPAMPA

[9] O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm

efetivamente passou a ser uma Instituição de Ensino Superior independente com base na Lei 11.640.

A instalação e a criação da UNIPAMPA foram e ainda são marcadas pela responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico e educacional da região, conhecida como a “metade sul” do Rio Grande do Sul.

Além disso, a presença da Universidade veio para fomentar a integração e o desenvolvimento nas regiões de fronteira, tanto nas fronteiras do Brasil com a Argentina com a presença dos Campi de Uruguaiana e São Borja, como nas do Brasil com o Uruguai com a instalação dos Campi de Bagé, Jaguarão e Sant’ana do Livramento.

De acordo com o Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI), a Missão da UNIPAMPA é, a partir da integração entre ensino, pesquisa e extensão, assumir “a missão de promover a educação superior de qualidade, com vistas à formação de sujeitos comprometidos e capacitados a atuarem em prol do desenvolvimento regional, nacional e internacional.” (PDI, 2014, p.13)

Para enriquecer o desenvolvimento regional e internacional pelo intercâmbio entre Brasil e Uruguai, a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) empenhou-se, em 2011, por consolidar um projeto institucional cujo objetivo é oferecer oportunidades diferenciadas de ingresso para estudantes uruguaios fronteiriços e indígenas aldeados - nos Câmpus de Jaguarão e Sant’ana do Livramento. Localidades contempladas com o Acordo promulgado pelo Decreto 5.105/2004.

A seleção direcionada para os uruguaios fronteiriços contempla apenas, neste momento, candidatos uruguaios que residem nas cidades de Rio Branco, vizinha de Jaguarão, e Rivera, fronteira com Santana do Livramento. As vagas ofertadas nesta modalidade atendem ao Decreto 5.105/2004, que promulga o acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios, de 21 de agosto de 2002.

2 Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de residência, estudo e trabalho a nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios.

Um dos desdobramentos das ações do MERCOSUL e que visa a livre circulação de pessoas, fomentando a integração e o desenvolvimento local dos dois países envolvidos é o “Acordo sobre permissão de residência, trabalho e estudos para os cidadãos das localidades fronteiriças da República Oriental do Uruguai e da República Federativa do Brasil”, que foi firmado pelos dois países em agosto de 2002 em Montevideo e entrou em vigor em 14 de abril de 2014 quando foi ratificado.

A partir dessa data, o acordo passou a ser chamado “Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para Permissão de Residência, Estudo e trabalho

a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios" e entrou em vigor dia 11 de julho de 2005. O referido Acordo busca formalizar práticas que são recorrentes na fronteira. Segundo Navarrete, busca-se, com o referido acordó

> generar instrumentos jurídicos que contemplen fundamentalmente la circulación de personas y el control migratorio, posibilitando que los nacionales fronterizos uruguayos y brasileiros puedan trasladarse libremente en la ciudad gemela para poder establecer residencia, estudiar y trabajar. Para ello se prevé el reconocimiento de la calidad jurídica de fronterizo, mediante el otorgamiento del "Documento Especial de Fronterizo" (NAVARRETE, 2006 , p, 36).

Nas palavras de Dorfman e Rosés (2005, p. 209) o acordo é na verdade "uma tentativa de institucionalização de práticas amplamente difundidas e historicamente embasadas. Pela primeira vez, o caráter supranacional da população da região é legitimado pelos estados-nação" que, de uma forma ou de outra, caminham para uma integração institucionalizada local fronteiriça.

A região de fronteira contemplada pelo Acordo é delimitada simetricamente a 20km para cada lado da fronteira. Sendo assim, entende-se que os sujeitos fronteiriços que podem usufruir dos benefícios acordados são aqueles que moram nas as seguintes localidades: Bella Unión (UY) e Barra do Quaraí (BR); Rivera (UY) e Sant'ana do Livramento (BR); Artigas (UY) e Quaraí (BR);

Aceguá (UY) e Aceguá (BR); Chuy, 18 de Julio, La Coronilla, La Barra del Chuy (UY) e Chui, Santa Vitória do Palmar/Balneário Hermenegildo (BR) e, por fim, Río Branco (UY) e Jaguarão (BR). Os direitos de residência, estudo e trabalho dados aos nacionais fronteiriços brasileiros e uruguaios são materializados na carteira de Fronteiriço, documento de caráter transfronteiriço, que recebe o nome oficial de "Documento Especial de Fronteiriço".

Sobre a carteira de fronteiriço, Dorfman e Rosés (2005, p. 218) afirmam que,

> O referencial legal da nacionalidade, que possibilita aí (mesmo através de algum subterfúgio) registro e obtenção de ambas as nacionalidades, não esgota as escolhas identitárias, uma vez que a posse legal da nacionalidade é por vezes relativizada pelo morador da fronteira, que continua vendo-se como brasileiro ou uruguaio mesmo quando busca os benefícios disponibilizados pelo estatuto legal de nacional do país vizinho.

O acordo beneficia alguns interesses dos sujeitos brasileiros e uruguaios que vivem na fronteira, mas também mostra restrições e fortes demarcações nos seguintes eixos: delimitação geográfica, sujeitos socialmente localizados nesse espaço e direitos no país vizinho. Ou seja, o acordo é restrito a uma parcela de sujeitos fronteiriços beneficiados pela delimitação geográfica. Disso surgem indagações como: a fronteira e

os sujeitos que nela vivem transbordam esses 20km, os direitos no país vizinho se restringem apenas às cidades citadas impedindo a mobilidade dos sujeitos para outras localidades fronteiriças. E, por fim, podemos refletir sobre as seguintes interrogações: com o documento uma nova identidade fronteiriça passa a ser estabelecida? Seria uma identidade "legalizada"? Até que ponto essa nova identidade oficializada afeta as identidades nacionais e o ir e vir que é natural da e na fronteira?

Não temos o objetivo de responder a esses questionamentos, mas sim provocar uma reflexão acerca dessas inquietações. O que também nos interessa sobre o documento especial de fronteiriço é o número já emitido do lado brasileiro e enumerar os entraves e limitações que a emissão de tal documento nos oferece. De acordo com informações obtidas na Delegacia da Polícia Federal de Jaguarão, foram 162 documentos emitidos desde a vigência (11 de junho de 2005) do Acordo até 2014.

O Documento Especial de Fronterizo segundo Navarrete (2006) é expedido por cinco anos, prorrogados por mais cinco e depois por tempo indeterminado para brasileiros e uruguaios que residem nas fronteiras acima citadas. Os direitos gerados para o portador do documento são: residência, trabalho, estudo, docência e segurança social dentro da jurisdição das localidades vinculadas. Por essa razão, a validade do documento é suspendida quando há exercício fora dos limites territoriais determinados.

Segundo informações obtidas na Delegacia, o número de emissão da carteira de fronteiriços sofreu um leve aumento, na fronteira Jaguarão/Río Branco, pela oportunidade que os brasileiros têm de trabalhar nos *freeshop* e pela oportunidade dada aos uruguaios em estudarem na UNIPAMPA.

O projeto institucional da UNIPAMPA, destinado aos uruguaios fronteiriços e que está vinculado ao referido Acordo possibilitou e possibilita que muitos profissionais do comércio, jovens que terminaram o "Liceo- preparatório", professores e comunidade possam seguir seus estudos em uma Universidade de Ensino Superior na região em que vivem. Essa oportunidade permitiu e permite que os uruguaios cursem uma Graduação, já que muitos apresentam dificuldade de fazê-lo presencialmente devido à distância significativa entre suas cidades de origem e os grandes centros de estudo do Uruguay-Montevideo. Cabe salientar que o projeto está em vigor desde 2011 e foi favorecido pela localização geográfica em que se encontram os Campi de Jaguarão e Sant'ana do Livramento, cidades pares segundo o Decreto 5.105/2004.

3 "*Siempre me gustó la idea de hacer algún curso en un país extranjero, y en este acaso se dio la oportunidad en Brasil.*"

Conforme mencionei na parte introdutória deste capítulo, atualmente, resido na fronteira Jaguarão – Río Branco por questões profissionais (desde julho de 2011 atuo como docente de Língua Espanhola no Câmpus

Jaguarão). Neste momento, trago à memória algumas lembranças dos primeiros contatos com os alunos uruguaios em 2012. Recordo que quando tive os primeiros contatos com os alunos uruguaios na sala de aula, comecei a ver na vida deles um caminho semelhante ao que eu percorri. O que difere entre uma experiência e a outra é que eles estudam no Brasil e voltam para o seu país de origem, Uruguay, eu estudava e voltava para casa no mesmo país, Brasil, que não era o meu de origem. Diante disso, comecei a ler mais sobre fronteira, sobre o contato entre as línguas, sobre como os sujeitos são lidos neste espaço que só um fronteiriço sabe o que realmente é ser fronteiriço do ponto de vista ontológico, ainda que seja possível compreender sua condição. Foi a presença desses alunos em sala de aula que me instigou a investigar o motivo que os levou a estudar no Brasil e consequentemente o que implica para eles, em termos identitários, estudar em uma Universidade brasileira, ou seja, de que maneira o encontro com a diferença, com outra língua os afeta em termos de posicionamentos identitários e integracionistas.

Para tanto, foram aplicados quatro questionários com questões abertas. Desse bojo, trago para discussão apenas as respostas da pergunta dois do segundo questionário. Os sujeitos da pesquisa são alunos uruguaios fronteiriços, que ingressam em 2012, 2013 e 2014 nos seguintes Cursos: Letras (Câmpus Jaguarão), Tecnólogo em Turismo (Câmpus Jaguarão), Pedagogia (Câmpus Jaguarão). Eles estão distribuídos em três Cursos de Graduação, Câmpus Jaguarão e ao Curso de Pós-graduação. Quatro alunos estão vinculadas ao Curso

de Letras, um aluno[10] ao de Pós-graduação em Metodologia no Ensino de línguas e literatura, três alunos ao Curso Tecnólogo em Turismo e dois alunos ao Curso de Pedagogia. Estão identificados por SA1, SA2, SA3, SA4, SA5, SA6, SA7, SA8, SA9, SA10.

Ao serem questionados sobre a motivação que os levou a estudar no Brasil e se algum fato da vida deles os levou a fazer tal escolha responderam:

> **SA1:** *A experiencia de estar em uma Universidade Brasileira (sendo a Unipampa) é maravilhosa. Não tive grandes oportunidades em Uruguai, e a prova dos uruguaios fronteiriços foi com uma "benção" para mim*.
>
> **SA2:** *(…)Mi interés por estudiar en la facultad Unipampa se debe a que por ser docente siempre me gustó el área de la Pedagogía y el tener la oportunidad de concurrir y hacer una Licenciatura en Pedagogía es una facultad tan cercana que algo que no lo pensé mucho, me dije a mi misma que no podía perder esa oportunidad.(…)*
>
> **SA3:** *(…)siempre me gustó la idea de hacer algún curso en un país extranjero, y en este acaso se dio la oportunidad en Brasil. El concurrir a una universidad brasileña en un*

[10] Este aluno inicialmente ingressou no Curso de Letras, porém em 2013 ao ser selecionado para o Curso de Pós-graduação em Metodologia de Línguas e Literatura, optou por esta e trancou o Curso de Graduação.

ciudad de frontera es un estímulo a la superación, porque sientes que con el convivir de los dos idiomas (…)

SA4: *lo que me motivo a estudiar en Brasil fue una charla que hicieron en el liceo de Rio Branco uso profesores de la Universidad.*

SA5: *Yo opte en estudiar en Brasil porque siempre quise poder vivir en Brasil y hacer mi vida en este país. Me parece que ofrece mucho más posibilidades que Uruguay, aquí tengo la oportunidad de crecer profesionalmente y trabajar en muchas áreas relacionadas con el curso. Después de concluir la licenciatura pretendo seguir estudiando aquí y hacer otros cursos como maestría y en un futuro doctorado.*

SA6: *Mis motivos para estudiar en Brasil no fueron otra cosa que la inexistencia de una política de descentralización del estudio o del acceso al estudio terciario en mi país, así como el beneficio de estudiar en otro país. Se me presentó la oportunidad de realizar una graduación que me interesaba mucho, y que hoy me ha permitido tener una visión diferente y positiva acerca de mis metas y objetivos, y lo más importante sin tener que irme lejos de casa.*

SA7: *Luego de terminar el liceo por motivos económicos no logré irme a estudiar a Montevideo. Obviamente me sentía muy mal por no poder continuar mis estudios.*

Ya sin tener mucho que hacer me inscribí en un curos de portugués ofrecido por el consulado brasileño en Rio Branco, después de un mes de estar en el curso mi profesor me informó que había selección para fronterizos en la Unipampa, él me preparó y me incentivó para que me inscribiera.

SA8: *Elegí estudiar en una Universidad brasileña porque siempre me gustó el portugués, tenía facilidad para hablarlo y mi sueño siempre fue el de algún día poder estudiar en Brasil, así que vi que tenía oportunidad, hice la inscripción para realizar la prueba de ingreso.*

SA9: *Decidí hacer facultad en Brasil por la facilidad que tengo con los dos idiomas (…)*

SA10: *Elegí estudiar en Yaguarón porque vivo cerca y representa una posibilidad de perfeccionamiento.*

A partir desses fragmentos podemos identificar três fatores que foram importantes para os alunos uruguaios à oportunidade de ingresso na Instituição: (1) desejo de estudar no Brasil; (2) proximidade da casa; (3) facilidade com a língua portuguesa. O primeiro fator pode ser observado quando os sujeitos afirmam:

> **SA1:** *A experiencia de estar em uma Universidade Brasileira (sendo a Unipampa) é maravilhosa. Não tive grandes oportunidades em Uruguai.*
>
> **SA3:** *(…)siempre me gustó la idea de hacer algún curso en un país extranjero, y en este acaso se dio la oportunidad en Brasil.*
>
> **SA5:** *(…)siempre quise poder vivir en Brasil y hacer mi vida en este país.*
>
> **SA8:** *mi sueño siempre fue el de algún día poder estudiar en Brasil.*

Está claro no discurso desses sujeitos o desejo de estudar no Brasil. Desejo esse que se dá por esses sujeitos não terem muitas oportunidades no Uruguay e por vislumbrarem no país vizinho uma oportunidade de crescimento profissional. O segundo fator se percebe quando os sujeitos afirmam que possuem dificuldades de se deslocarem para os grandes centros de estudos no Uruguay seja pela distância de casa e/ou por questões financeiras, que foi diminuída pela implantação, mesmo que em fase de ajustes, da seleção específica para

uruguaios fronteiriços, como podemos verificar nos fragmentos que seguem:

> **SA1:** *Não tive grandes oportunidades em Uruguai, e a prova dos uruguaios fronteiriços foi com uma "benção" para mim.*
>
> **SA2:** *(…)hacer una Licenciatura en Pedagogía es una facultad tan cercana que algo que no lo pensé mucho, me dije a mi misma que no podía perder esa oportunidad (…).*
>
> **SA6**: *(…)inexistencia de una política de descentralización del estudio o del acceso al estudio terciario en mi país, así como el beneficio de estudiar en otro país (…).*
>
> **SA6**: *(…)hoy me ha permitido tener una visión diferente y positiva a cerca de mis metas y objetivos, y lo más importante sin tener que irme lejos de casa(…).*
>
> **SA7:** *(…)por motivos económicos no logré irme a estudiar a Montevideo… después de un mes de estar en el curso mi profesor me informó que había selección para fronterizos en la Unipampa, él me preparó y me incentivó para que me inscribiera (…).*
>
> **SA10:** *(…)vivo cerca y representa una posibilidad de perfeccionamiento(…).*

O terceiro fator que aparece nas respostas é a facilidade com a língua portuguesa devido ao fato de morarem na fronteira e ao convívio com as línguas (espanhola e portuguesa), que ocorre naturalmente nas diversas práticas sociais que caracterizam uma e outra sociedade fronteiriça.

É sabido que o encontro entre duas culturas, duas línguas que marcam a fronteira permite que a questão dos posicionamentos identitários perpasse o espaço fronteiriço e busque apropriar-se dos sentidos que nesse lugar são construídos. Woodward (2012) diz que a identidade é relacional, é marcada pela diferença, que por sua vez, é sustentada pela exclusão. Isso quer dizer que quando o sujeito assume uma identidade, por exemplo, ao afirmar que é uruguaio, ele o faz porque não é brasileiro e quando afirma que é fronteiriço ele o faz porque se vê diferente dos sujeitos que não vivem na fronteira.

Nesse contexto, Silva (2010) afirma que a identidade é "aquilo que se é" e a diferença é aquilo que eu não sou, mas o outro é. O autor acrescenta que eu "só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são" (2010, p. 75). Na fronteira, os sujeitos não explicam sua origem para os outros sujeitos da fronteira, mas sim para outros dos quais se veem diferentes. Nas palavras de Silva (2010, p.75), "as afirmações sobre diferenças só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade" e a diferença é dependente de uma rede de declarações negativas sobre outras identidades. Definir uma identidade vai além da criação linguístico-discursiva

que define o sujeito como tendo uma identidade diferente de outras identidades. Isso porque o

> contato dialógico entre os sujeitos, contato em que se tornam sujeitos, não é necessariamente um lugar de harmonia, nem um lugar em que alguns sujeitos simplesmente dominam outros, mas um espaço em que há uma tensão indecidível de negociação in situ de identidade, ou melhor, de identificar-se, o que é uma tarefa interminável. (PIRES, SOBRAL, 2013, p. 206)

Somos tocados, constituídos pelas esferas nas quais circulamos e pelos fragmentos que o outro deixa em nós da mesma forma que afetamos e mudamos esses espaços. Nessa direção, os sujeitos não cessam de tornar-se, estão continuamente em processo de constituição, de enfrentamentos, de embates culturais, linguísticos.

Não há dúvidas de que o ingresso de fronteiriços uruguaios na UNIPAMPA favorece tanto o intercâmbio entre os países (Brasil e Uruguay) quanto o fortalecimento das trocas culturais, identitárias possíveis pela convivência entre discentes de todo o Brasil que marcam a identidade da Universidade. A Instituição se caracteriza pelo entrelaçar, por um cruzamento sociocultural advindo do encontro de diversas culturas brasileiras e a localização geográfica do Câmpus Jaguarão alimenta ainda mais esse espaço culturalmente heterogêneo e híbrido. De acordo com Canclini (2008), a história da fronteira e da circulação das línguas mostra-se

constituída de processos de hibridação porque foge da pureza das línguas e identidades, de traços fixos bem delimitados, longe das sedimentações identitárias.

Canclini (2008, p. XIX) em uma das definições de hibridação coloca que ela é resultante de "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas". De que forma? Uma maneira seria ressignificar práticas sociais, linguísticas para reinseri-la em novas condições. Dialogando com o nosso espaço acadêmico, percebemos que essa nova oportunidade de estudo e integração dada aos acadêmicos uruguaios despontou uma necessidade de mudanças que desencadeiam em um novo modo de falar, de se portar, de ser através da língua(gem) em um espaço acadêmico. Isso demanda atentar para a arquitetônica da Instituição e verificar como ela está preparada para receber em suas salas de aula sujeitos com outra cultura, possuidores de outra língua e, principalmente, de outra formação educacional e o que pode ser pensado e efetivamente concretizado para atender às particularidades dessa mobilidade fronteiriça.

Considerações finais

Iniciei o meu texto remetendo à minha experiência de vida, experiência aqui entendida como "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (LARROSA, 2002, p. 21) para, de alguma maneira, justificar a escolha pelo tema da minha pesquisa, ainda em andamento.

Por mais que esse espaço de fronteira esteja carregado de traços similares, cabe dispensar um olhar mais atento para o que se está desenhando no espaço acadêmico, principalmente quando Gestores e Professores não são filhos da fronteira. Entendemos que é de suma importância observar a arquitetônica do Câmpus e da Instituição porque é ela a unidade, a responsável pela organização, pela forma de interlocução entre a Universidade (gestores, docentes, discentes, secretarias, documentos) e os discentes.

O ingresso de alunos uruguaios alimenta a diversificação cultural e pluraliza as identidades culturais no ambiente acadêmico, consequentemente, reclama repensar nas políticas educacionais de integração e inclusão nesse entremeio identitário.

Constatou-se numa análise preliminar que os alunos se sentem acolhidos pelos colegas, mas que há vários entraves em relação às línguas que circulam no espaço universitário (o português e o espanhol). Diante disso, a Instituição ainda está dando os primeiros passos na organização de projetos que atendam a esse público específico em relação à promoção das línguas. No Câmpus Jaguarão, por exemplo, houve três ofertas de cursos de extensão que trabalhavam a língua portuguesa para atender aos futuros candidatos uruguaios que desejavam fazer a seleção de ingresso à Universidade. Além disso, em 2013, foi implantado um projeto de ensino que deu assessoria linguística para alguns alunos que desejavam sanar dúvidas e problemas com escrita em língua portuguesa, já que é a língua exigida no meio

acadêmico. Em 2015, a oferta da língua portuguesa se dá pelo projeto de extensão intitulado “Centro de Línguas”.

Enfim, a pesquisa está em andamento e em outra oportunidade serão apresentados e discutidos os demais dados arrolados e os possíveis encaminhamentos que nos permitam ver cada vez mais na diferença, nos conflitos gerados pelas relações interculturais um espaço de negociações entre eu e o outro a fim de incluir, integrar histórias, sujeitos, culturas no entremeio fronteiriço.

Referências

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas:* estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ªed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DORFMAN, A.; ROSÉS, G.T.B. Regionalismo fronteiriço e o acordo para os nacionais fronteiriços brasileiros uruguaios. In: *Território sem limites:* estudos sobre fronteira. OLIVEIRA, T.C.M (org). Campo Grande. Editora UFMS, 2005.

NAVERRETE, M. *Región fronteriza uruguayo-brasilera.* Laboratorio social para la integración regional: cooperación e integración transfronteriza. Montevideo, 2006.

PIRES, V. L., SOBRAL. A. *Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov.* Bakhtiniana, São Paulo, 8 (1): 205-219, Jan/Jun. 2013.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. *In:* SILVA, T. T., WOODWARD, K., HALL, S. *Identidade e diferença* – a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, T. T., WOODWARD, K., HALL, S. *Identidade e diferença* – a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

DANÇA E PERSPECTIVA BAKHTINIANA: UMA ARQUITETÔNICA VISUAL EM EXERCÍCIO

Marice Fiuza Geletkanicz

Problema

Como "os estudos de Bakhtin e do Círculo constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita" (BRAIT, 2013), à medida que se fala de uma arquitetônica no romance/na narrativa, também se pode vir a falar de uma na arte em geral, implicada aí a Dança como objeto estético. Logo, a Dança, como linguagem visual configura-se uma seleção discursiva que se presta à mesma análise (arquitetônica), respeitando-se, obviamente, as especificidades que a constituem como corpus.

Justificativa

A pesquisa busca demonstrar aquilo que na teoria se atribui mais comumente à ordem do verbal e que, transposto para o campo do visual, pode responder a uma demanda/lacuna acadêmico-científica. Trata-se de conceber a Dança como gênero discursivo potencial, trazendo para o centro do debate o visual como discurso exclusivo passível de análise e de interpretação, assegurando a ele, quem sabe, "o mesmo" estatuto que o

tem o discurso verbal e verbo-visual para uma teoria do discurso que se quer bakhtiniana/dialógica.

Pressupostos

A arquitetônica que agora se busca é outra, pois verbal e visual são objetos distintos. A Dança reclama diferentes modos de dizê-la, analisá-la, interpretá-la. O que se propõe, portanto, não é uma aplicação de pressupostos teóricos combinada a paralelismos de categorias de análise prontas e avessas à enunciação visual que a dança emite. Interessa é, a partir da mobilização de outras estratégias, descobrir os princípios estéticos capazes de ressoar na Dança, reconhecendo o seu potencial discursivo, a fim de que se possa vir a falar de uma arquitetônica expressa na materialidade visual da dança. Cabe destacar que a pesquisa não pretende classificar o que o Ballet ou a Dança do Ventre traz (ou não) de elementos arquitetônicos de modo isolado e tampouco desvendar isso em linhas comparativas, mas descobrir o que cada uma delas pode revelar a partir também das suas especificidades como modalidades distintas de dança, isto é, o que ambas oferecem esteticamente capaz de promover um possível diálogo entre elas, lê-se entre Ocidente e Oriente, “na vida e na arte”. Isso, sim, parece coerente com uma teoria do discurso.

Metodologia

O conteúdo, o material e a forma com que trabalha o autor e a maneira como a obra artística é percebida são elementos que corporificam a arquitetônica na literatura. Parte-se, portanto, desse princípio, inicialmente, como uma "regularidade" capaz de orientar, ao mesmo tempo, o estudo do objeto estético em sua "especificidade". Para tanto, está prevista a análise de performances coreográficas de Dança mediante a autorização de bailarinos que estejam atuando em situações/contextos reais de comunicação com o público, o que implica submissão ao Comitê de Ética. Justamente porque o visual é um discurso, nada nele pode ser posto tão estrita e dicotomicamente como contradição estanque. Assim, embora se parta de certos pressupostos, pretende-se verificar as hipóteses, que, assim, estão sujeitas a reformulação ao longo do processo.

Uma possível forma de ler/ver a dança arquitetonicamente

O conteúdo

Em um romance, o mundo é transfigurado. As personagens participam dessa transfiguração como representantes de vozes sociais, ideologias distintas. Quando o espectador assiste a uma apresentação de dança, também vê nela uma transfiguração, pois ali ressoam múltiplas valorações sociais encarnadas pelos

bailarinos, personagens arquitetados e, simultaneamente, arquitetos de discursos materializados num campo visual. Nesse sentido, os movimentos, os gestos, a própria estrutura física corporal que um bailarino-criador ou personagem enuncia visualmente com e a um outro bailarino podem ser considerados como marcas enunciativas visuais marcantes, o que sugere não somente a presença de diferentes valorações, contrastantes e convergentes, mas o convívio entre elas. Isso, quem sabe, poderia sinalizar a relação entre o "bailarino-criador" e o "bailarino-personagem"; poderia, mais especificamente, evidenciar o conteúdo, ou melhor, como o aspecto ideológico/valorativo implicado nessa relação é representado/se manifesta na Dança.

Assim como as marcas discursivas das personagens de um romance se modificam ao longo da trama como resultado da interação entre elas, a dialética e o dialogismo, aqui, cumprem um papel relevante. Histórica, social e culturalmente, os "modos de dizer" da/na Dança, que se refletem nas valorações que a animam, também sofreram alterações ao longo do tempo. Refletir sobre as possíveis vozes que constituíram o Ballet Clássico e a Dança do Ventre Clássica e que se fazem presentes na contemporaneidade, pensar nas possíveis vozes que participaram desse e contribuíram para esse entremeio pode levar à compreensão, talvez, do caráter dialógico e centrífugo das relações que se enunciam também por meio do visual.

O material

No romance, “o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro – colaborativo ou hostil – ativo”. (SOBRAL, 2009, p.33). Na dança, isso não deve ser diferente, embora haja especificidades. O “bailarino-criador”, quando dança, e, na verdade, desde a concepção da sua performance coreográfica, mobiliza estratégias discursivas para atrair um dado interlocutor com o propósito de obter dele “respostas”. Portanto, depende de um público presumido para concretizar a sua enunciação visual integral através da Dança, pois as intenções discursivas aí implicadas só podem encontrar ressonâncias em um espectador tido como aliado, como um outro “não indiferente” . Refletir sobre para quem dança o corpo do “bailarino-criador” e/ou “personagem” com base nos elementos composicionais que ele utiliza para envolver, e mesmo atrair, seu interlocutor presumido, fazendo dele um participante, são aspectos que podem auxiliar na investigação acerca de como se dá o diálogo, a interação visual entre eles nesses termos.

A forma (arquitetônica)

Em um romance, “ouvir a voz do outro” por intermédio da narração de um mesmo fato sob a perspectiva de personagens diferentes pode ser associado à “existência de ‘lados’, isto é, à ocupação dos vários participantes de posições diferentes” (VOLOSHINOV, 1976, p.15), cabendo reiterar que não existe fusão indiferente entre as vozes do autor, herói e

ouvinte, pois “eles são na verdade ‘lados’, lados não de um processo judicial, mas de um evento artístico com estrutura social específica cujo ‘protocolo’ é a obra de arte”. (VOLOSHINOV, 1976, p.15). Nesse sentido, entende-se a Dança como um espaço discursivo ímpar que se presta à análise da “existência de lados” justamente pelo componente valorativo mencionado anteriormente. Refletir sobre a diversidade dos discursos na performance de bailarinos que, inclusive, praticam uma mesma modalidade de dança, pode configurar um fator relevante para se chegar à especificidade do objeto no que ele tem a revelar sobre essa enunciação “de posições diferentes” expressa no visual. Dito de outra forma, isso pode conduzir à percepção a respeito do que constitui as relações dialógicas na dança e do modo como nela elas se dão.

Dança e Projeto Enunciativo: uma síntese

Como se pode perceber, investe-se na hipótese de que, na Dança, uma coreografia executada pode ser considerada um projeto enunciativo singular, visto que uma performance coreográfica é uma obra de arte tanto quanto o é um romance. Todo projeto enunciativo implica uma autoria e também na dança ele é construído e dado a revelar-se a outros por um autor-artista/criador que, nesse caso, pode ser um bailarino e/ou um coreógrafo, capaz de, quando compõe o seu discurso, distanciar-se, inclusive “de si”, como autor-pessoa, via posição exotópica. Graças a ela, esse “bailarino-criador” consegue igualmente estabelecer um diálogo significativo

e peculiar com o público, através do seu dançar, ou seja, do que ele, como compositor-artista, é capaz de enunciar e provocar visualmente. Como “O artístico é uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte” (VOLOSHINOV, 1976, p.3-4), o visual, assim, faz-se objeto estético na medida em que leva em consideração a relevância e a participação do “bailarino-criador, do bailarino-personagem e do público espectador e, acrescenta-se, da interação entre eles no processo de transfiguração da Dança (vida) em uma performance coreográfica (obra de arte).

Referências

BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoievski*. 5.ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do Ato Responsável.* Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal.* 6.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. WMF. Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*. Bakhtiniana, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

HAYNES, Deborah J. *Bakhtin and the Visual Arts.* Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1995.

MEDVIÉDEV, Pável Nicoláievitch. *O método formal nos estudos literários*: Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLOSHINOV, V. N. Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica) [1926]. Tradução para o português por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, com base na tradução inglesa de I. R. Titunik. Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics. In: V. N. Voloshinov, Freudism. New York: Academic Press, 1976.

AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO HUMANO NO MUNDO OCIDENTAL: A IMPOSIÇÃO DA ORDEM (GEOMETRIA) CARTESIANA NA CONSTRUÇÃO DO ATLAS DE ACUPUNTURA

Rael Lopes Alves

A visão do corpo no mundo ocidental baseada no dualismo corpo *versus* alma se desenvolveu a partir das concepções gregas, em especial das "doutrinas filosóficas de Platão para quem a alma preexiste ao corpo e, um pouco mais suavizada, na filosofia de Aristóteles, segundo o qual a alma é a forma do corpo" (SIQUEIRA, 2011, p. 52). De igual maneira, o matemático helenístico Euclides de Alexandria influenciou significativamente a nossa concepção das formas, principalmente ao estabelecer os fundamentos da geometria clássica (hoje denominada euclidiana) em sua obra *Os Elementos*, determinando as relações e propriedades das figuras como círculo, triângulo, quadrado, etc. Esses corpos são, no entanto, idealizados, ou seja, criações da mente humana que não encontram referenciais na natureza.

> Em seu tempo, *Os Elementos*, evidentemente, constituiu o desenvolvimento lógico mais rigorosamente tratado da matemática elementar que já fora erigido, e dois mil anos deveriam passar-se antes que surgisse uma apresentação mais cuidadosa. Durante esse longo intervalo a maior parte dos matemáticos considerou a exposição de Euclides como

> logicamente satisfatória e pedagogicamente aceitável. (BOYER, 1974, p.78-79).

O dualismo corpo *versus* alma e a geometria euclidiana constituíram, assim, o nosso olhar sobre as formas e os corpos. Na Idade Média, ela toma uma nova roupagem muito influenciada pela filosofia judaico-cristã, que pregava: "cada homem é composto de um corpo material e mortal, fonte de lascívia e tentações, e de uma alma imaterial e imortal que necessita ser preservada das 'abominações' do corpo." (SIQUEIRA, 2011, p. 52).

O Renascimento marca uma revolução na cultura medieval e uma transformação do homem e da sociedade. A alma passou a ser a entidade do pensamento e o corpo da obediência. Nesse sentido, vários pensadores, artistas, cientistas procuraram representar os fenômenos naturais de forma direta e fiel. Logo, arte e ciência unem-se, incorporando os conhecimentos da matemática e da perspectiva. O corpo torna-se um novo objeto de saber e de representação, possibilitando, assim, o surgimento da Anatomia no período Renascentista como uma "nova ciência" capaz de tornar visível, a partir de práticas de dissecação, agora permitidas, o interior do corpo humano que até então permanecia oculto.

Podemos destacar nesse período os trabalhos do cirurgião Andréa Vesalius. Em *De humanis corporis fabrica*, ele apresenta grandes ilustrações e explicações anatômicas, representando o corpo composto por vários departamentos cuja constante movimentação resultava em seu bom funcionamento. Outro destaque deve ser

dado ao filósofo, matemático e anatomista René Descartes que, a partir de dissecações e das leis da mecânica, representou o funcionamento do corpo humano. “Assim, como uma máquina, o corpo se tornou objetivado, um foco de intensa curiosidade, mas inteiramente divorciado do mundo como sujeito pensante e falante”. (MEDEIROS, 2011, p.144).

Objetivado, o corpo humano foi compreendido a partir de normas e conceitos como causalidade e homogeneidade. O comportamento e a atividade foram reduzidos ao puro funcionamento biológico, racionalizados, sendo a intencionalidade dos sujeitos abolida. Assim como a anatomia outros campos do saber também se desenvolveram a partir dessa perspectiva, como é o caso da Fisiologia. Essa concepção mecânica do corpo, baseada nos modelos anatômico e fisiológico, ratifica o valor do corpo como objeto, fragmentando e isolando suas partes.

A concepção de um corpo que é regido pelas mesmas leis que operam na natureza tem sua fonte na forma de pensar naturalizada e subordinada do pensamento religioso católico da Idade Média que ainda impregna o pensamento do século XVII, marco da ciência moderna:

> O que possibilitou tal processo foi a constituição de dois mundos autônomos operando da forma análoga: de um lado, está a verdade apreendida, os fenômenos purificados – através da seleção dos elementos relevantes para a explicação de um determinado

> fenômeno, o recorte epistemológico, a observação, a interpretação e análise dos dados referentes ao objeto –; de outro, como bem notou Bruno Latour (2002), a fundação de uma sociedade científica (inspirada pela organização constitucional do Estado), que estabelece as regras de como as coisas devem ser entendidas, o que configura o referido processo de purificação. (VOSS, 2010, p. 207).

Podemos ver como as concepções de um corpo segmentado e mecanizado, subordinado às leis universais, estão naturalizadas no pensamento moderno através do seguinte excerto de um livro de anatomia contemporâneo:

> A anatomia é a ciência das estruturas do corpo; a que descreve e mostra sua organização é a anatomia descritiva; a que expõe sua disposição recíproca nas diferentes regiões é a anatomia topográfica; a que indica as relações que tem as formas e suas funções é a anatomia funcional. (H. ROUVIÈRE; A. DALMAS, 1999).

Partindo dessa exposição, propomos a Acupuntura como tema para um projeto de pesquisa. A Medicina Tradicional Chinesa, uma das principais práticas complementares em saúde, tem sido incorporada ao sistema terapêutico ocidental. A Acupuntura, em especial, tem sido cada vez mais conhecida e utilizada pela população. No entanto, a hipótese é de que nesse

processo alguns dos princípios norteadores desse conhecimento milenar – e em consequência a própria prática dessa técnica – tem sofrido alterações consideráveis.

A Acupuntura se constituiu como uma técnica terapêutica construída concomitantemente à longa historia da China cuja base epistemológica encontra-se na filosofia taoísta que sobreviveu ao tempo através de alguns poucos textos antigos. "O taoísmo – venerado, misterioso, encantadoramente poético – nasceu em meio às brumas que escondem os primeiros passos da civilização e é a expressão imorredoura de um antigo modo de vida praticamente esquecido pelo mundo." (BLOFELD, 1979, p.9).

O princípio fundamental do taoísmo encontra-se no conceito do TAO, normalmente traduzido como “caminho”, mas em outra interpretação de seu significado traduzido como - O Inominado: “Existe uma força incomensurável no universo que dá origem e entretém todas as coisas. Como não sei o seu nome, chamo-a Tao.” (LAO-TSE, 2011).

A filosofia *taoísta* apresenta nesse sentido uma ampla discussão sobre a nominação do mundo e de como o uso da linguagem limita nossa compreensão do universo. "O TAO, enquanto princípio, não tem a sua origem datada; ele existia bem antes que fosse enunciado através desse vocábulo." (NORMAND, 1993, p.16). Esse princípio, assim compreendido, estabelece outra relação entre a forma e a não forma, do ser e do não ser,

proporcionando uma percepção de mundo completamente diferente da ocidental:

> Lao Tsé ensina Tao (Caminho) não passa de um termo aceitável para o que fora melhor chamado “o Inominado”. Nada se lhe predica sem com isso comprometer sua integridade. Dizer que existe equivale a excluir o que não existe, apesar de o vazio ser sua verdadeira natureza. Dizer que não existe é excluir a plenitude permeada por ele. As palavras limitam [...] E o Tao não tem limites. (BLONFELD, 1979)

A concepção de corpo construída pelos chineses milenarmente, nesse contexto, contém referenciais totalmente distintos dos desenvolvidos pelo pensamento ocidental. Não por acaso a ciência oriental, em especial a chinesa, desenvolveu um rumo distinto para explicar o corpo humano. Ripoll (2005) indica como período áureo da Medicina Tradicional Chinesa a época compreendida entre o Período Han (202 a.C. a 221 d.C.) e o Tang (618-906).

Nessa época, são produzidos os principais tratados de Acupuntura: o Huang Di Nei-Jing (“Clássico Interno de Medicina do Imperador Amarelo”) e o Shen Nong Ben Cao Jing (“Tratado de Materia Médica de Shen Nong”). Também nesse período os chineses já apresentavam em seus textos a concepção da circulação do sangue como um sistema fechado composto por dois tipos de sangue (arterial e venoso), 2500 anos antes do ocidente.

Desenvolveram-se também nessa época as primeiras indicações da utilização de anestésicos à base de plantas para realização de procedimentos cirúrgicos; havia escolas de medicina reguladas pelo governo 200 anos antes do surgimento das primeiras escolas européias, para mencionar apenas alguns dos avanços médico-terapêuticos no respectivo contexto. O autor também destaca a publicação de um "Atlas de Acupuntura" que tinha como referência as estátuas de bronze utilizadas nas escolas de medicina:

> Wang Wei Yi publicou em 1026 o Clássico Ilustrado da Acupuntura da Estatua de Bronze, em três volumes. A estátua de Bronze (Tong Ren) representava um homem de tamanho natural que era coberto com cera negra, e que na localização dos pontos de acupuntura encontravam-se pequenas fendas que eram preenchidas com água. (RIPOLL, 2005, p.18, tradução nossa).

As ilustrações contidas nos tratados antigos apresentam os trajetos pelos quais flui a energia do corpo que pode ser acedida e manipulada através dos pontos de Acupuntura. Esses pontos recebiam nomes não pela sua localização ou função, mas pela simbologia que possuíam. Exemplos: *Shang Zhong*, "o palácio do centro do peito"; *Shen Men*, "a porta do espírito", etc. A possibilidade de cura encontra-se na ação que contempla o físico e o não físico, que une o corpo à palavra, conformando-se num ato criativo, numa arte.

Existe um consenso histórico de que o diplomata francês George Soulié de Morant (1878-1955), quando cônsul na China, testemunhou os efeitos benéficos do tratamento de Acupuntura durante uma epidemia de cólera em Beijing. Ao voltar para a França, escreveu o livro *L'Acupuncture chinoise* a partir de antigos textos chineses sobre o assunto.

Com a justificativa de facilitar a compressão da Acupuntura entre os europeus, Soulié recriou o sistema dos mapas tradicionais chineses, substituindo os nomes dos pontos em língua chinesa por números em ordem crescente junto a uma letra maiúscula que representa o meridiano correspondente. "A própria palavra "meridiano" que no dialeto chinês era denominado MAI (caminho - trajeto), foi criado por Soulié, através de uma analogia aos sistemas de linhas imaginários dos meridianos terrestres." (SOUZA, 2003).

A cultura ocidental, ao incorporar a Medicina Tradicional Chinesa, procurou transpor – "impor" – a sua forma de ver o mundo e, assim, transformou as trajetórias e os pontos em um sistema de numeração ordenadamente distribuído sobre meridianos, transformando as ilustrações de Acupuntura num sistema de coordenadas cartesianas.

Dessa forma, propomo-nos a avaliar, a partir da análise dos Atlas de Acupuntura construído segundo os princípios da anatomia e fisiologia ocidentais, que possíveis distorções ocorreram no processo de transposição do pensamento simbólico holista oriental (taoista) para a lógica racionalista ocidental e como elas

afetaram a compreensão e a prática da Medicina Tradicional Chinesa na atualidade.

Figura 1 - Ilustração chinesa antiga dos pontos de acupuntura em *O novo manual ilustrado dos pontos de acupuntura em uma figura de bronze, com anotações suplementares.* Data de criação por volta de 1280 d.C. a 1365 d.C.
Fonte: Biblioteca Mundial Digital[11].

[11] Disponível em: <http://www.wdl.org/pt/item/11421/>. Acessado: 15/AGO/ 2015.

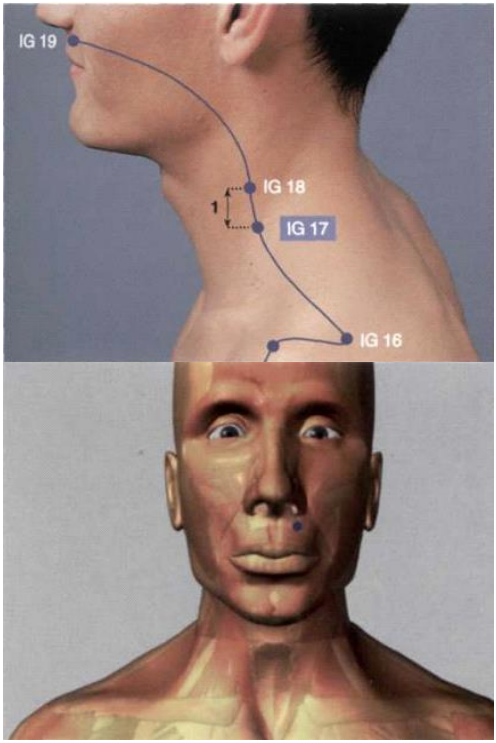

Figura 2: Imagens e ilustrações em um Atlas de Acupuntura Moderno.

Fonte: CHEN et. al., 2006, p.47-48.

Referências

BLOFELD, John. *Taoísmo:* A busca da imortalidade. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

BOYER, Carl Benjamin. *Historia da Matemática*. Trad. Elza F. Gomide. São Paulo: Edgard Blücher, 1974.

LAO-TSÉ. *O Livro do Caminho Perfeito:* Tao Té Ching. Trad. Murillo Nunes De Azevedo. 14. Ed. São Paulo: Pensamento, 2011.

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. Do Corpo Anatômico ao Corpo Fenomenológico: diferentes perspectivas para se pensar o corpo. *Vivência*, Natal: UFRN/CCHLA, n.37, p. 141-149, 2011.

NORMAND, Henry. *Os Mestres do Tao:* Lao-Tzu, Lie-Tzu, Chuang-Tzu. Trad. Maria Stela Gonçalves. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

RIPOLL, Juan Pablo Moltó. *Fundamentos Clásicos y Contemporáneos de la Acupuntura y la Medicina Tradicional China.* Madrid: Dilema, 2005.

ROUVIÈRE, H; DELMAS, A. *Anatomía Humana:* descriptiva, topográfica y funcional. Versión: Victor Götzens Gárcia. 10. ed. Barcelona: Masson, 1999.

SIQUEIRA, A. J. As representações do corpo na Idade Média. *Vivência,* Natal: UFRN/CCHLA, n.37, p. 49-58, 2011.

SOUZA, Jean Luis. *Sistema de Ensino em Acupuntura (SEA) módulo 1:* taoísmo. Uberlandia: Center Fisio-Ines, 2003.

VOSS, Rita de Cássia Ribeiro. Por um Conhecimento Sensível: a religação dos deuses. *Vivência,* Natal: UFRN/CCHLA, n.35, p. 205-213, 2010.

BAKHTIN E A ECOLOGIA LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA

Stefanie Tunes

Observando a prática no ensino de língua, alguns pontos se fizeram desencontrados ou não preenchidos. Há muito se vem falando sobre um ensino que seja significativo aos sujeitos nele implicados, mas o que vemos até o presente momento são reproduções de costumes antigos e práticas esvaziadas de sentido.

Pensando nisso, buscamos neste estudo aproximar a concepção dialógica bakhtiniana – a qual considera em todos os aspectos a presença do outro, a fim de significar o ato enunciativo – da Abordagem Ecológica da Linguagem – a qual trará uma visão holística para o trabalho com a língua – para pensar o ensino de língua.

Refletiremos um pouco sobre a Ecologia Linguística, o dialogismo bakhtiniano e as implicações dessas reflexões para o ensino de línguas. Neste primeiro momento não buscaremos "definir" a linguagem, mas apenas pensar sobre ela. Acreditamos que desta maneira estaremos nos alinhando com o que afirma Kristeva (1974) "*a pergunta o que é a linguagem? Pode e deve ser substituída por uma outra: Como é que a linguagem pode ser pensada?"* Isso se faz necessário, afinal como poderemos discutir a linguagem, sem termos ao menos uma noção sobre o que está se tratando.

Voltando o nosso olhar para a linguagem a fim de trabalhá-la através da Abordagem Ecológica da Língua. Isso significa que, conceberemos o espaço da sala de aula como um ecossistema. Permeado por inter-relações, entre os sujeitos nela atuantes e o ambiente extraescolar, o qual de uma forma ou de outra é influenciado e ao mesmo tempo influencia este meio de relações porosas e fluidas que se estabelecem entre os membros de uma sala de aula.

Iniciando esta reflexão percebemos que é preciso compreender, em primeiro lugar, os sentidos que definem este conceito ou estes processos ecológicos aos quais nos referimos. Recorreremos então a Odum (2002) para poder esclarecê-los:

> Qualquer unidade que inclua a totalidade dos organismos (isto é, a comunidade) de uma área determinada interagindo com o ambiente físico por forma a que uma corrente de energia conduza a uma estrutura trófica, a uma diversidade biótica e a ciclos de materiais (isto é, troca de materiais entre as partes vivas e não vivas) claramente definidas dentro do sistema é um sistema ecológico ou ecossistema. (ODUM, 2002, p. 11)

Segundo Couto (2012) a Ecologia Linguística terá justamente esta preocupação, ela não tomará emprestado metaforicamente os termos utilizados pela biologia, antes sim, olhará para os fenômenos recorrentes na linguagem, através de uma visão holística, através de

um olhar ecológico. Retomando Odum (2012) “A ecologia define-se como o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com o seu ambiente, ou a ciência das inter-relações que ligam os organismos vivos ao seu ambiente.

Percebemos que depois dessa definição de ecologia precisamos também introduzir na discussão uma concepção de linguagem que pode nos fornecer uma base sólida e coerente, que possibilite agora propor uma definição de língua, não estática, mas sim constituída na interação sócio-histórica do indivíduo com o meio no qual ele está imerso.

Olhando para o conceito trazido em Bakhtin (1999, p. 123) em que “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo **fenômeno social da interação verbal**, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade **fundamental** da língua.” Optamos então por trazer este olhar bakhtiniano sobre a linguagem, a fim de corroborar com a reflexão em questão.

Como trataremos de uma abordagem Ecológica da Língua, a interação dos indivíduos terá um lugar de destaque em todos os aspectos do estudo, pois, se estamos falando em Ecologia Linguística, estamos falando em um estudo das ocorrências da Língua na sua própria “casa”, no seu ambiente natural. E se concebemos a língua como um fenômeno social de interação, teremos

de voltar nosso foco para o meio no qual este fenômeno ocorrerá e para os sujeitos implicados neste processo:

> De modo que podemos concluir afirmando que tudo na Ecolinguística, [...] começa e termina nos atos de interação comunicativa, na ecologia da interação comunicativa. É das inter-relações [...] que se constitui o que se chama língua. (COUTO,2012, p. 308).

Assim, a concepção de linguagem trazida por Bakhtin propicia uma discussão mais consistente e aprofundada, no que tange o ensino de língua por intermédio da Abordagem Ecológica da Língua. No entanto, não pretendemos buscar uma verdade única e inédita, antes sim, olhar para este viés ecológico como uma possibilidade para o campo do ensino de língua. E vincular a este âmbito de pesquisa, as contribuições teóricas já discutidas por Bakhtin no contexto da linguagem.

Sabemos que sobre o ensino de língua há muito a se dizer e a se pensar, mas neste momento nos ateremos a meditar sobre as possibilidades aqui apresentadas, a fim de fecundá-las, e tornar esta pequena reflexão em um estudo maior e mais significativo, com o intuito de apresentá-lo a todos aqueles que se interessam pelas pesquisas no contexto do ensino.

Referências

BAKHTIN, M.M./ V.N.Voloshinov. *A interação verbal*. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

COUTO, H.H. do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. "*Linguística Ecossistêmica*", 2012, disponível em http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2012/06/linguistica-ecossistemica.html. Acessado:

21/09/2012.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1988.

ODUM, E.; BARRETT, G. W. *Fundamentos de Ecologia*. São Paulo: Cengage Learning, 2011, 612p.

BREVE SÍNTESE-OPINIÃO SOBRE O SIMPÓSIO *DIALOGISMO: BORDAS, FRONTEIRAS, IMPRECISÕES, SENTIDOS*

Hilário I. Bohn

No dia 01 de outubro de 2015, reuniu-se no Prédio Sta. Margarida da UCPel um grupo de alunos e professores para apresentarem e discutirem os seus textos elaborados para o processo de avaliação da disciplina Tópicos em Dialogismo II, oferecida pelos professores Adail Sobral e Hilário Bohn, no Inverno de 2015, na UCPel.

A reunião não foi para os alunos prestarem contas dos conteúdos discutidos ou aprendidos no Curso, mas foi mais um exercício de confronto ou, talvez, de integração de conceitos bakhtinianos nas pesquisas e/ou textos dos alunos. Assim, o objetivo principal do Simpósio foi de criar uma oportunidade para os participantes compartilharem com os seus colegas e professores da Disciplina, assim como com os colegas e professores convidados, os saberes, às vezes os desejos de saber, que pareciam contribuir para a definição de conceitos ou metodologias de análise e interpretação dos dados de pesquisa. Esperava-se criar, assim, novos sentidos em suas reflexões sobre a linguagem e seus projetos e objetos de investigação.

Os alunos e professores esperavam que esta variedade de discursos, ideologias em que se mesclam corporeidades, ecologias, sexualidades, processos epistemológicos, expressões literárias, arquitetônicas

autorais criassem um debate interdisciplinar tecido *no* e *pelo* dialogismo bakhtiniano.

Os trabalhos do Simpósio foram abertos pelo professor Adail, formulando o desejo de que as vozes da diferença já pudessem marcar encontros na própria metodologia de trabalho proposto para o Simpósio, em que os participantes, após apresentarem os seus trabalhos de pesquisa, seriam questionados por um membro do Simpósio, encaminhando, desta forma, o debate para a participação dos demais membros presentes.

1. A primeira apresentação no II Diálogos foi da conferencista e pesquisadora Dra. Olga **Pereira**, mostrando, mais uma vez, a complexidade, as sutilezas opressoras que acompanham as ideias racistas da sociedade brasileira e, mais especificamente, da sociedade pelotense quando silencia ou quando se posiciona sobre a diferença racial, mostrando nestes posicionamentos a sua capacidade de dominação e discriminação pelo silêncio. A sociedade impõe assim ao *outro* (diferente na cor, no cabelo ou formato do nariz) o silêncio da não acusação, na esperança de um convívio em que a dor se refugia na esperança.

2. Depois da conferência da pesquisadora Olga Pereira houve um rápido intervalo para um café, seguindo-se logo a apresentação de Rael Lopes **Alves** que falou sobre as diferenças representacionais do corpo humano no mundo ocidental e oriental, mostrando, por exemplo, como no ocidente se propõe a ordem cartesiana na construção do atlas de acupuntura. Rael Alves discorreu sobre a sua experiência do tratamento

diferenciado da corporeidade no mundo oriental e ocidental, salientando o aspecto holístico da medicina oriental, o corpo visto como um fractal em que as menores intervenções têm um efeito sobre a totalidade, enquanto no mundo ocidental procura-se reabilitar nervuras específicas do organismo, vistas como causalidades do "mal-estar" corporal.

3. Em prosseguimento, Cássia R. **Gonçalves** apresentou o seu trabalho *Sobre o amor, o capitalismo e a identidade*. Cássia lembrou aos participantes do Simpósio como a incompletude e a liquidez do mundo dos sentidos das palavras, repete-se no mundo da vida afetiva, em que a alteridade como interlocutora, talvez governada pelo capitalismo, apressa-se em fornecer os parâmetros de uma afetividade controlada. Mas, apesar do jogo do(s) poder(es), Cássia faz um convite para os participantes e seus leitores: "estreitemos nossos laços dialógico-afetivos", porque apesar de não podermos apresentar garantias, somos governados pela fluidez dos sentidos das palavras.

4. Catarina **Barbosa** nos conduz para a poética e à estética da linguagem. Ela faz isso "Construindo uma etnografia virtual à luz do pensamento bakhtiniano". Assim, a pesquisadora observa e analisa grupos de *ficwriters*, participando como membro ou, simplesmente, observando o processo criativo dos grupos, "especialmente as relações que se estabelecem entre os interagentes da enunciação: locutor-autor, herói-tópico e interlocutor-leitor." Epistemologicamente é interessante como Catarina percorre esses meandros literários dentro de uma perspectiva etnográfica, às vezes simplesmente como observadora, outras vezes como observadora

participante. A pesquisa de Catarina é um belo exemplo de como os estudos da linguagem (Linguística Aplicada) transitam pela interdisciplinaridade, possivelmente chegando à transdisciplinaridade em que as fronteiras entre as ciências são sombreadas, aproximando-se deste "terceiro espaço" de que nos fala H. Bhabha em seu livro "*O local da Cultura*".

5. Na sua apresentação *Uma Análise Dialógica da "arquitetônica Autoral" do Gênero Acadêmico Dissertação"* Fernanda Taís B. **Guimarães** parecia orientar o debate para a clássica organização textual de uma dissertação, mas a própria autora nos alerta já no segundo parágrafo de seu texto: "busco mostrar que não está no texto a chave de realização de um gênero, mas em seu projeto enunciativo e nas relações de interlocução estabelecidas em dado contexto específico de interação." Esta seja talvez uma das contribuições mais criativas do pensamento bakthiniano e também mais complexas porque nos obriga, na discussão da "genericidade", a sair da linearidade estrutural do texto, introduzindo-nos assim na estética do processo enunciativo e nas complexas relações da interlocução. A autora propõe que isto seja feito no *plano do projeto enunciativo*, no plano da *posição enunciativa* e no plano do *projeto arquitetônico.* A pesquisadora, apesar de ainda não apresentar uma análise e interpretação de dados, ao final do texto sugere que "não é determinante a forma textual empregada na realização de um gênero, mas sim o projeto enunciativo do interlocutor, as relações enunciativas e os modos e/ou tipos de interlocução estabelecidos em dado contexto específico de enunciação.

6. Depois da discussão de Fernanda Guimarães sobre a “dissertação”, Felipe B. **Soares** nos introduz no “jogo linguístico” da reportagem de Olavo de Carvalho que quer “Matar o Papa”. Soares mostra como o “não dito” torna-se claramente o “dito”. O expresso desinteresse de Carvalho sobre o recém-eleito Papa Francisco torna-se a expressão do “desejo de morte” do articulista para o papa recém eleito. O jogo de desinteresse (diálogo) que Carvalho estabelece com seu leitor parece confirmar aquilo que Wittgenstein propõe quando define linguagem como um *jogo* que o autor organiza entre o texto e o seu interlocutor (leitor).

7. O jogo parece continuar com a apresentação do texto de Ângela M. B. **Ribeiro**, trazendo para a análise um Grupo Carnavalesco em que fica patente a subversão da ordem social, da hierarquia do poder estabelecida nessa ordem social e junto com isto também subvertendo a hierarquia corporal, privilegiando, por alguns dias durante o carnaval, o baixo corporal sobre a nobre racionalidade da mente. Ângela Ribeiro mostra na sua proposta como Bakhtin introduz o riso, como desconstrói a hipócrita racionalidade da estrutura social dentro do cômico-grotesco corporal de *Gargântua* e *Pantagruel* rabelaisianos. Segundo Ribeiro, Bakhtin “embasa suas observações nos contrastes de pares dicotômicos como o alto e o baixo, o sublime e o grotesco, o sério e o risível, o sagrado e o profano e evidencia, a partir de tais pares, a coexistência de culturas.”

8. Com a apresentação da pesquisa de Marice F. **Geletkanicz**, também nos distanciamos da sala de aula e do cenário da textualização e acompanhamos a pesquisadora no movimento da análise da linguagem

verbal para a gestual, levando a arquitetônica da fala, do discurso do romance para o objeto estético da Dança. Marice propõe não "a aplicação de pressupostos teóricos combinada a paralelismos de categorias de análise prontas e avessas à enunciação visual que a dança emite." Segundo a autora, "Interessa descobrir os princípios estéticos capazes de ressoar na Dança, reconhecendo o seu potencial discursivo, a fim de que se possa vir a falar de uma arquitetônica expressa na materialidade visual da dança." A pesquisa de Geletkanicz pode abrir novas perspectivas de investigação sobre a rica gama de sentidos que cercam a(s) corporeidade(s) ainda não desveladas pelos estudos da Antropologia ou Sociologia. A arquitetônica bakhtiniana pode talvez ser o caminho para a quase infinita capacidade de o corpo significar na sua exterioridade, semelhantemente como este mesmo corpo significa, por exemplo, na sua complexidade genética e nutricional.

9. Os pesquisadores brasileiros atentos à produção acadêmica dos linguistas aplicados sabem que uma percentagem significativa das pesquisas da área se relacionam com a sala de aula (formação de professores, metodologias de ensino, aprendizagem, entre outras). Jorge A. N. **Alves** nos lembra a importância de alguns conceitos, centrais da teoria bakthiniana, que são especialmente importantes para a (re)organização da sala de aula. Segundo o autor, os conceitos de polifonia, dialogismo e gênero trouxeram contribuições significativas para "o contexto escolar". Assim, segundo Alves: "É imprescindível perceber que Bakhtin, ao defender uma língua viva e interativa, oferece também a possibilidade de estabelecimento de uma nova relação

entre alunos e professores, uma relação em que a sala de aula não seja vista apenas como um local de transmissão de conteúdos, mas como um palco de interação de sujeitos que buscam construir conhecimento e significados através de intercâmbios e de experiências."

10. Na última apresentação, Stefanie **Tunes** novamente nos convida para o debate sobre a sala aula, mas não mais para discutirmos metodologias de aprendizagem, formação de professores, ou identidades docentes e discentes. Tunes convida-nos a olhar a linguagem e a sua aprendizagem dentro de uma perspectiva ecológica, isto é, dentro de uma perspectiva de "um ecossistema permeado por inter-relações entre os sujeitos nela atuantes e o ambiente extraescolar, o qual de uma forma ou de outra é influenciado e ao mesmo tempo influencia este meio de relações porosas e fluidas" da sala de aula.

Na verdade, nada melhor do que fecharmos esta rápida síntese das apresentações do Simpósio com a ideia de um ecossistema que na sua diversidade cria, na complexidade dos organismos que lhe dão vida, as nervuras de um tecido que a Linguística Aplicada brasileira apenas está começando a perceber.

Também estão publicados aqui dois textos que não foram apresentados nos II Diálogos, por diferentes motivos, mas foram incluídos em função da participação de seus autores na disciplina que deu origem ao livro. No primeiro deles, Márcia Froehlich defende que a interface de comentários na Web é "um espaço que permite visualizar, ao longo de determinado tempo, a circulação de discursos de diversas ordens", analisando as relações

enunciativas ali criadas “a partir da noção de diálogo como entendida pela Análise Dialógica do Discurso (ADD)”. Comentando um blog literário, a autora mostra algumas maneiras pelas quais os enunciados de comentários replicam uns aos outros e as condições estabelecidas para esse diálogo, condições cujo cumprimento é controlado por um moderador.

No segundo, Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques, partindo da ideia de que “Cada sujeito ocupa posições sociais relativas, posições que mudam conforme mudam as práticas sociais e a relação que temos com o outro” e de que essas “posições sociais, longe da fixação, reiteram o entendimento do sujeito dialógico”, traz uma reflexão sobre os alunos fronteiriços da Unipampa – Jaguarão do ponto de vista institucional, da motivação pessoal e educacional que os levou a ingressar na Universidade e das questões de identidade, elementos fundamentais para esclarecer seu tópico.

Os textos, trabalhos apresentados e elaborados pelos simposistas, claramente que o ecossistema da vida da linguagem que Bakhtin, junto com o seu Círculo, ousou “vislumbrar”, é um jogo complexo que invade diferentes campos do saber e da vida humana que a explosão da interação das redes digitais expõe, às vezes de maneira assustadora, ao analista-estudioso da linguagem.

Pelotas, 26 de outubro de 2015

SOBRE OS AUTORES

ÂNGELA MARA BENTO RIBEIRO

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, na área de Linguística Aplicada e bolsista CAPES/PROSUP. É Membro do grupo de pesquisa "Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens" (LEAL/UCPel). Docente do Curso Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA - Campus de Jaguarão-RS. Recebeu o Prêmio "PESQUISADOR" na 14º Mostra de Pós-Graduação da UCPel, em 2015.

CÁSSIA RODRIGUES GONÇALVES

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, na área de Linguística Aplicada, bolsista CAPES, pela Universidade Católica de Pelotas. Graduação em Letras, e Especialista em Leitura e Escrita na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Realiza estudos na perspectiva da linguagem e do discurso sobre identidades, fronteiras, culturas, gêneros e relações sociais. 1º lugar na 10ª Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa, na área de Linguística, Letras e Artes, no Congrega URCAMP 2012, Universidade da Região da Campanha - URCAMP.

CATARINA MAITÊ MACEDO MACHADO BARBOZA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, na área de Linguística Aplicada, desenvolvendo, em fase de conclusão, pesquisa sobre a influência das interações entre membros de *fandoms online* no processo de escrita de *fan fictions*. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-Grandense (IFSul), graduada em Letras pela UFPel, com mestrado em Teoria da Literatura pela PUCRS.

FELIPE BONOW SOARES

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel e bolsista da Capes na mesma instituição. Graduação em Comunicação Social Habilitação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas. Tem interesse em pesquisas na área de retórica e argumentação.

FERNANDA TAÍS BRIGNOL GUIMARÃES

Mestre em Letras - Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Foi bolsista CAPES/PROSUP, com o projeto "Uma análise dialógica da arquitetônica do gênero acadêmico dissertação: estudo de caso". Graduação em Letras e Especialização em Leitura e Escrita na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Membro do Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens LEAL/UCPel. Autora e coautora de diversos artigos.

JORGE ANDRÉ NOGUEIRA ALVES

Doutorando do PPGL – UCPel - Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas, Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – campus Bagé, supervisor Letras Português PIBID UNIPAMPA - Bagé, participa do GEDES - Grupo de Estudos da Diversidade, Educação e Sexualidade, desenvolve estudos na área da Análise de Discurso, Gênero e Sexualidade. Livros: Pluralismo nas Ciências Sociais: da multiplicidade à diferença; O Livro inventado: do Imaginário à Imaginação.

MÁRCIA FROEHLICH

Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas. Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense Campus Pelotas. Tem experiência na área de Letras, com interesse de pesquisa principalmente nos seguintes temas: literatura, leitura e identidade cultural no contexto da cibercultura, discurso mediado por computador.

MARIA DO SOCORRO DE ALMEIDA FARIAS-MARQUES

Doutora em Linguística Aplicada da UCPel-RS, é professora assistente da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Coordenadora Geral do Curso de Letras Português modalidade à distância. Atua principalmente nos seguintes temas: ensino de língua espanhola,

fronteiras, gênero discursivo, espanhol coloquial, gênero social e mídia, ensino de português para uruguaios e Educação à Distância.

MARICE FIUZA GELETKANICZ

Doutoranda em Letras - Linguística Aplicada, bolsista CAPES/PROSUP, na Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Membro do grupo de pesquisa "Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens" (LEAL/UCPel). Coautora do artigo "A Arquitetônica de Luna Clara e Apolo Onze: uma reflexão metalinguística", na Revista de Estudos do Discurso, v. 8. (Qualis A1), autora do livro "Arquitetônica de Luna Clara e Apolo Onze, de Adriana Falcão: um exercício de interpretação", Editora Novas Edições Acadêmicas (2015).

OLGA MARIA LIMA PEREIRA

Doutora em Letras - Linguística Aplicada (PPGL/UCPel). Coordenadora de Ações Inclusivas do IFSUL. Mentora e membro do comitê científico e da comissão organizadora de Aproveitamento de Estudos do IFSUL e escritora e coordenadora de Fomento às Ações Inclusivas do IFSUL-RS. Autora dos livros *Cicatrizes da Escravidão* (Pelotas: UM2, 2015) e *Reinterpretando Silêncios* (Belo Horizonte: Nandyala, 2015)

RAEL LOPES ALVES

Graduado em Comunicação Social (UFRGS), Graduando em Psicologia (UFRGS), Sócioproprietário do Espelho da Lagoa Terapias Integrativas, com formação em Medicina Tradicional Chinesa (FACEI) e em Acupuntura pelo Departamento de Medicina Tradicional Chinesa do Colégio de Medicina da Xiamen University (XMU/China).

STEFANIE DA SILVA TUNES

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em letras – Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Licenciada em Letras-Português/Espanhol e suas respectivas literaturas, pela Universidade Federal do rio Grande – FURG.

Atualmente é professora no Centro de Ensino de Línguas Estrangeiras - CELE/FURG.

SOBRE OS ORGANIZADORES

ADAIL SOBRAL

Professor Adjunto da UCPel-RS e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística Aplicada. Doutor em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atuando principalmente nos seguintes temas: Gênero, Discurso, Dialogismo, Círculo de Bakhtin, Semiótica Geral e Greimasiana, Tradução e Interpretação. É tradutor profissional de e para português, inglês e espanhol. Consultor *ad hoc* da CAPES e parecerista *ad hoc* de seleção e avaliação de periódicos da coleção Scielo Brasil. É autor e coautor de diversas obras, entre elas *Do dialogismo ao gênero* – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin (Campinas: Mercado de Letras, 2009). Líder do grupo LEAL-Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens (UCPel-RS).

HILÁRIO BOHN

Professor Titular no Departamento de Letras da UCPel – Doutor em Linguística Aplicada na School of Education da University of Texas At Austin (1975-1977), USA. Fez seu pós-doutorado como bolsista da CAPES na University of Birmingham, Inglaterra (1985-1986). Líder do grupo GELFIC - Grupo de Estudos de Linguagens: Fronteiras, Identidades e Culturas (UCPel-RS). Sócio fundador da ABRALIN e da ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil). Foi coordenador do GT de Linguística Aplicada da

ANPOLL, presidente da ALAB e membro, por seis anos, do Executive Board da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA) com sede na Suíça. Linha de pesquisa Aquisição, Variação e Ensino.